

A Sombra Sobre Innsmouth

H.P. Lovecraft

I

Durante o inverno de 1927 para 1928, autoridades do governo federal fizeram uma investigação estranha e secreta sobre certas condições na antiga cidade portuária de Innsmouth em Massachusetts. O público tomou conhecimento dela em fevereiro, depois de uma extensa série de batidas policiais e prisões, seguidas da explosão e queima deliberadas — tomadas as devidas precauções — de um número imenso de casas arruinadas, carcomidas e, por suposto, vazias na orla marítima abandonada. As almas pouco curiosas tomaram essas ocorrências como mais um grande enfrentamento da guerra intermitente contra as bebidas alcoólicas.

Os leitores de jornais mais sagazes, porém, espantaram-se com o número prodigioso de prisões, a extraordinária força policial mobilizada para o feito e o sigilo que cercou a acomodação dos detidos. Nada foi noticiado sobre julgamentos ou sobre acusações definidas, e nenhum cativo foi visto depois dos incidentes em qualquer prisão regular do país. Correram rumores sobre doenças e campos de concentração e, mais tarde, sobre a dispersão de pessoas por vários presídios navais e militares, mas jamais veio à luz alguma coisa positiva. Innsmouth ficou quase deserta e mesmo agora só dá sinais de reanimação muito lentos.

Com os protestos das muitas organizações liberais, fizeram-se longas discussões secretas, e alguns representantes foram levados em visita a certos campos e

presídios. O surpreendente é que, depois disso, essas sociedades mostraram-se passivas e reticentes. As autoridades tiveram mais dificuldade para lidar com os jornalistas, mas esses, no geral, pareceram cooperar com o governo no final. Somente um jornal, um tablóide não muito respeitado em virtude de sua política sensacionalista, mencionou o submarino de águas profundas que lançou torpedos no precipício marinho pouco além do Devil Reef. Essa notícia, recolhida por acaso em um antro de marinheiros, pareceu, com efeito, muito exagerada, pois o recife baixo e negro fica em mar aberto, a dois quilômetros e meio do porto de Innsmouth.

Moradores de toda a região e de cidades vizinhas cochicharam muito entre si, mas disseram muito às pessoas de fora. Eles falaram da moribunda e quase deserta Innsmouth durante quase um século, e nada de novo poderia ser mais monstruoso ou extravagante do que já haviam cochichado e insinuado anos antes. Muitas coisas haviam-lhes ensinado a serem discretos, e não tinha a menor justificativa para pressioná-los. Ademais, eles sabiam de fato muito pouco, pois pântanos enormes, salgados, desolados e desertos mantinham os vizinhos afastados de Innsmouth pelo lado do continente.

Mas eu vou desafiar, enfim, o silêncio que se impôs sobre esse assunto. As conclusões, estou certo, são tão cabais, que nenhum dano público, salvo um tremor de repugnância, poderá advir do que aqueles policiais horrorizados encontraram em Innsmouth durante a sua batida. Além do mais, o que foi encontrado pode ter mais de uma explicação possível. Não sei quanto da história toda me foi contado, e tenho minhas razões para não querer ir mais fundo na questão. Isto porque meu contato

com o caso foi mais curto que o de qualquer outro leigo, e ele me deixou impressões que ainda me levarão a tomar medidas extremas.

Fui eu quem fugiu desvairado de Innsmouth na madrugada de 16 de julho de 1927 e cujos apelos apavorados à realização de um inquérito e medidas do governo provocaram todo o episódio noticiado. Prefiri ficar calado enquanto o caso estava fresco e indefinido, mas agora que ele tornou-se uma história antiga, passado o interesse e a curiosidade públicas, sinto um estranho anseio de confidenciar sobre aquelas poucas horas apavorantes no porto lúgubre e mal-afamado de anomalias blasfemas e fatais. O mero fato de contar me ajuda a recuperar a confiança em minhas faculdades mentais, a me tranqüilizar de que não fui o primeiro que sucumbiu a uma alucinação de pavor contagiante.

Ajuda-me, também, na decisão sobre uma certa ação terrível que terei de empreender.

Eu nunca ouvira falar de Innsmouth até o dia em que a vi pela primeira e — até agora — última vez. Estava comemorando minha maioridade com uma excursão pela Nova Inglaterra — com fins turísticos, antiquários e genealógicos — e planejava ir diretamente da velha Newburyport a Arkham, de onde saíra a família de minha mãe. Não possuía carro e estava viajando de trem, bonde e ônibus, procurando sempre o itinerário mais barato. Em Newburyport, disseram-me que o trem a vapor era o que se podia tomar para Arkham, e foi só na bilheteria da estação, quando vacilei com o preço da tarifa, que fiquei sabendo de Innsmouth. O agente corpulento com expressão astuta e com um modo de falar que não era da região simpatizou com meus esforços de

economia e me fez uma sugestão que nenhum de meus outros informantes oferecera.

“Você podia pegar o velho ônibus, acho eu”, disse ele com certa hesitação, “mas ele não é muito usado por aqui. Passa por Innsmouth, você deve ter ouvido, e por isso as pessoas não gostam dele. Quem guia é um sujeito de Innsmouth, Joe Sargent, mas ele nunca pega nenhum passageiro daqui ou de Arkham, eu acho. É um espanto que continue rodando. Acho que é bem barato, mas nunca vi mais de duas ou três pessoas nele; ninguém fora aquela gente de Innsmouth. Sai da praça, da frente da Farmácia Hammond’s, às dez da manhã e às sete da noite, se não mudou ultimamente. Parece uma maldita ratoeira, nunca entrei nele”.

Esta foi a primeira vez que ouvi falar na misteriosa Innsmouth. Qualquer referência a uma cidade inexistente em mapas comuns ou não listada nos guias recentes teria-me interessado, e a curiosa maneira alusiva do funcionário expressar-se despertou em mim uma verdadeira curiosidade. Uma cidade capaz de inspirar tal aversão em seus vizinhos, pensei, devia ser pelo menos incomum e merecedora do interesse de um turista. Se ficasse antes de Arkham, eu desceria lá – por isso pedi que o funcionário me contasse alguma coisa sobre ela. Ele era muito ponderado e falava como que se sentisse um pouco superior ao que dizia.

“Innsmouth? Bem, é uma cidadezinha muito da estranha na embocadura do Manuxet. Era quase uma cidade, um porto e tanto antes da guerra de 1812, mas tudo foi ficando muito arruinado nos últimos cem anos. Não tem mais a ferrovia, a B. e M. nunca passou por lá e o ramal de Rowley foi abandonado anos atrás”.

“Mais casas vazias do que gente por lá, eu acho, e sem comércio digno de menção, fora a pesca de peixes e lagostas. Todos negociam, em geral, aqui, em Arkham ou Ipswich. Eles já tiveram algumas fábricas, mas agora não resta nada, exceto uma refinaria de ouro funcionando de maneira bem precária”.

“Essa refinaria, porém, era grande e o velho Marsh, o dono, deve ser mais rico do que Creso. Velhote estranho, eu acho. Fica sempre trancado em sua casa. Achar que ele pegou alguma doença de pele ou deformidade depois de velho, o que obriga ele a se ocultar. Neto do capitão Obed Marsh, que fundou o negócio. Sua mãe parece ter sido uma espécie de estrangeira, dizem que uma insulana dos Mares do Sul, pois houve muito falatório quando ele se casou com uma garota de Ipswich há cinqüenta anos. Sempre fazem isso com a gente de Innsmouth, e os rapazes da região sempre tentam esconder que têm algum sangue de Innsmouth nas veias. Mas os filhos e netos de Marsh se parecem com qualquer um, até onde eu posso perceber. Já me apontaram eles por aqui, mas, quando penso nisso, os filhos mais velhos não têm andado muito por aqui nos últimos tempos. O velho eu nunca vi”.

“Por que todo mundo cai em cima de Innsmouth? Bem, meu rapaz, você não deve levar muito a sério o que as pessoas daqui dizem. Elas são duras de começar, mas, quando começam, não param mais. Elas vêm contando coisas sobre Innsmouth (em geral, aos cochichos) nos últimos cem anos, eu acho, e imagino que elas têm mais medo que outra coisa. Algumas dessas histórias fariam você dar risada: sobre o velho capitão Marsh fazendo pactos com o diabo e trazendo duendes do inferno para

viverem em Innsmouth ou sobre uma espécie de adoração do diabo e sacrifícios pavorosos em algum lugar perto do cais que derrubaram por volta de 1845.

Mas eu sou de Panton, em Vermont, e esse tipo de história não faz minha cabeça”.

“Mas você devia ouvir o que uns velhos contam sobre o recife escuro ao largo da costa. Devil Reef, é assim que eles chamam. Fica bem acima da água boa parte do tempo e nunca muito abaixo dela, mas nem por isso se devia chamar aquilo de uma ilha. A história é que toda uma legião de demônios é avistada, às vezes, em cima daquele recife, espalhada por lá ou entrando e saindo de umas espécies de cavernas perto do topo. É uma coisa escarpada, irregular, a mais de dois quilômetros de distância, e no final dos tempos da navegação os marinheiros costumavam fazer grandes desvios só para evita-la.

“Isto é, os marinheiros que não eram de Innsmouth. Uma coisa que eles tinham contra o velho capitão Marsh é que ele, como se dizia, desembarcava no recife às vezes, durante a noite, quando a maré estava de jeito. Talvez ele fizesse isso, pois ousou dizer que a conformação do rochedo é interessante, e é muito possível que ele estivesse procurando tesouros de piratas e talvez os encontrando, mas corriam boatos que ele fazia pactos com demônios por lá. O fato é que, conforme eu penso, foi o capitão que deu mesmo a má reputação ao recife”.

“Isto foi antes da grande epidemia de 1846, quando mais da metade da população de Innsmouth foi levada deste mundo. Eles nunca souberam direito o que era, mas decerto foi algum tipo de doença estrangeira

trazida da China ou de outro lugar pela navegação. Foi realmente dureza, houve tumultos por causa dela, e toda sorte de coisas horríveis que acredito que nunca saíram da cidade, e ela deixou o lugar em péssimo estado. Nunca voltou, não deve haver mais de 300 ou 400 pessoas vivendo por lá agora”.

“Mas a verdade por trás do sentimento das pessoas é simples preconceito racial, e não digo que culpo quem tem. Eu mesmo detesto essa gente de Innsmouth, e não me daria ao trabalho de ir à sua cidade. Imagino que saiba, mesmo percebendo que você é do Oeste pelo modo de falar, a montoeira de nossos navios da Nova Inglaterra que costumava negociar nos portos exóticos da África, da Ásia e dos Mares do Sul, e todo o resto, e os tipos estranhos que eles traziam de volta. Você deve ter ouvido falar do homem de Salem que voltou para casa com uma esposa chinesa e talvez saiba que ainda existe um grupo das Ilhas Fiji vivendo perto do Cape Cod”.

“Bem, deve haver alguma coisa assim por trás da gente de Innsmouth. O lugar sempre ficou muito isolado do resto do país por pântanos e córregos, e não se pode ter muita certeza sobre os prós e os contra do assunto, mas está muito claro que o velho capitão Marsh deve ter trazido para casa alguns espécimes estranhos quando estava com seus três navios em operação nos anos vinte e nos trinta. Com certeza tem algum tipo de vestígio estranho nos moradores de Innsmouth de hoje. Não sei como explicar isso, mas meio que faz a gente arrepiar. Você vai notar um pouco no Sargent se pegar o ônibus dele. Alguns têm a cabeça estreita com nariz chato e carnudo, olhos saltados que parecem que nunca se

fecham, e a pele deles não é muito definida: áspera e escariosa, e os lados dos pescoços são enrugados ou pregueados. Eles também ficam calvos muito cedo. Os mais velhos são os que têm a pior aparência. O fato é que não acredito que jamais tenha visto um velho daquele jeito. Acho que eles morrem só de se olhar no espelho! Os animais detestam eles, costumavam ter muito trabalho com os cavalos antes de aparecerem os automóveis”.

“Ninguém daqui, nem de Arkham, nem de Ipswich quer nada com eles e eles são um pouco retraídos quando vêm à cidade ou quando alguém tenta pescar no seu território. É curioso como os peixes se amontoam perto do porto de Innsmouth quando não são vistos em nenhuma outra parte em volta. Mas nem tente pesca-los ali que os caras vão expulsá-lo! Essa gente costumava vir até aqui de trem, caminhavam e tomavam o trem em Rowley depois que o ramal foi fechado, mas agora ela usa esse ônibus”.

“Sim, há um hotel em Innsmouth, chama-se Gilman House, mas não acho que valha grande coisa. Eu não o aconselharia a experimentá-lo. Melhor ficar por aqui e tomar o ônibus das dez amanhã de manhã; depois você pode tomar o ônibus noturno de lá para Arkham às oito da noite. Teve um inspetor de fábrica que parou no Gilman há uns dois anos e teve uma porção de indícios suspeitos sobre o lugar. Parece que eles juntam uma multidão estranha por lá. Pois esse sujeito ouviu vozes em outros quartos (mesmo com a maioria deles vazia) que lhe deram arrepios. Ele achou que era uma língua estrangeira, mas disse que o ruim era um tipo de voz que falava de vez em quando. Ela soava tão estranha, meio lamacenta conforme disse, que ele nem ousou tirar a

roupa e dormir. Ficou esperando acordado e deu o fora às pressas assim que amanheceu. A conversa prosseguiu durante a noite toda quase”.

“Esse sujeito, Casey era o seu nome, tinha muito o que contar sobre o jeito que os caras de Innsmouth olhavam para ele e pareciam ficar como que em guarda. Ele achou a refinaria de Marsh um lugar muito estranho. Fica em uma velha fábrica ao lado das quedas menores do Manuxet. O que ele disse bateu com o que eu ouvi. Livros malcuidados e nenhuma contabilidade clara de qualquer tipo de transação. Você sabe, sempre foi um mistério o lugar onde os Marsh arranjam o ouro para refinar. Eles nunca pareceram comprar muita coisa nessa linha, mas alguns anos atrás eles embarcaram uma quantidade enorme de lingotes”.

“Comentavam por aí sobre uns tipos estranhos de jóias estrangeiras que os marinheiros e os trabalhadores da refinaria vendiam às vezes, de maneira clandestina, ou que foram vistas uma ou duas vezes em mulheres dos Marsh. Diziam que o velho capitão Obed talvez as houvesse comprado em algum porto pagão, em especial porque ele sempre encomendava uma montanha de contas de vidro e bijuterias como as que os homens do mar costumavam levar para negociar com nativos. Outros achavam, e ainda acham, que ele encontrou um velho tesouro de pirata no Devil Reef. Mas tem uma coisa engraçada: o velho capitão já morreu há sessenta anos, e não tem saído um navio de bom tamanho do lugar desde a guerra civil, mas os Marsh continuam comprando um pouco dessas mercadorias nativas, na maior parte, bugigangas de vidro e de borracha, conforme me disseram. Talvez os caras de Innsmouth gostem de se

enfeitar com elas. Deus sabe se eles não ficaram tão ruins quanto os canibais dos Mares do Sul e os selvagens da Guiné.

“Aquela peste de 46 deve ter varrido o sangue melhor do lugar. Seja como for, eles agora são uma gente suspeita, e os Marsh e outros caras ricos não prestam como qualquer outro. Como eu disse, é provável que não haja mais de 400 pessoas na cidade toda, apesar de todas as ruas que dizem existir. Acho que eles são o que chamam de “lixo branco” lá no Sul: malfeitores e manhosos, e cheios de coisas secretas. Eles pescam muito peixe e lagosta que exportam de caminhão. Estranho como os peixes se amontoam por lá e em outros lugares não”.

“Ninguém consegue manter o controle daquela gente e as autoridades escolares do Estado e os recenseadores passam um mau bocado. Pode apostar que forasteiros curiosos não são bem-vindos em Innsmouth. Eu ouvi, em pessoa, sobre mais de um negociante ou funcionário público que desapareceu por lá, e corre por aí uma história sobre um cara que ficou louco e está em Danvers agora. Eles devem ter dado um susto terrível naquele sujeito”.

“É por isso que eu não iria à noite se fosse você. Nunca estive lá e nem quero ir, mas acho que uma viagem durante o dia não vai machucar, mesmo que as pessoas por aí o aconselhem a não ir. Se está apenas a passeio e procurando velharias, Innsmouth deve ser um lugar e tanto para você”.

E assim passei parte daquela noite na biblioteca pública de Newburyport pesquisando dados sobre Innsmouth. Quando tentei interrogar os nativos nas lojas,

lanchonetes, garagens e no Corpo de Bombeiros, achei-os ainda mais difíceis de se ligar do que o bilheteiro havia previsto e percebi que não devia perder tempo tentando vencer sua retração instintiva. Eles tinham uma espécie de vaga desconfiança, como se houvesse algo errado em alguém se interessar demais por Innsmouth. Na Y.M.C.A., onde me alojei, o funcionário limitou-se a desencorajar minha ida a um lugar tão soturno e decadente, e o pessoal da biblioteca teve uma atitude idêntica. Com certeza, no entender das pessoas instruídas, Innsmouth não passava de um caso extremo de degeneração cívica.

As histórias do Condado de Essex nas estantes da biblioteca tinham muito pouco a dizer, salvo que a cidade fora fundada em 1643, era notória pela construção naval antes da Revolução, um local de grande prosperidade naval no começo do século XIX e, mais tarde, um centro fabril que usava o Manuxet como fonte de energia. A epidemia e os tumultos de 1864 eram poucas vezes mencionados como se fossem um demérito para o condado.

As referências ao declínio eram poucas, embora o significado do último registro era inconfundível. Depois da guerra civil, toda a vida industrial ficara restrita à Marsh Refining Company e a comercialização de lingotes de ouro constituía o único comércio importante que restou ao lado da eterna pesca. Essa pesca foi-se tornando cada vez menos rendosa à medida que o preço da mercadoria caía e corporações de pesca em larga escala passaram a competir, mas nunca houve escassez de peixes nas imediações do porto de Innsmouth. Era raro forasteiros estabelecerem-se por lá e houve algumas

evidências veladas de que alguns poloneses e portugueses que o tentaram haviam sido dispersos de uma maneira muito drástica.

O mais interessante de tudo foi uma referência visual às curiosas jóias associadas a Innsmouth. Elas com certeza tinham impressionado muito toda a região, pois havia menções a exemplares delas no museu da Universidade Miskatonic em Arkham e na sala de exposição da Newburyport Historical Society. As descrições fragmentárias dessas coisas eram pobres e prosaicas, mas me incutiram uma sensação persistente de estranheza. Havia algo de tão estranho e provocador nelas, que não consegui tira-las da cabeça e, apesar do avançado da hora, resolvi ver a amostra local — que, conforme diziam, era um objeto grande, de proporções singulares, decerto para ser usado como tiara — se pudesse.

O bibliotecário entregou-me um bilhete de apresentação ao curador da Sociedade, uma certa srta. Anna Tilton, que vivia nas vizinhanças, e, depois de uma breve explicação, a velha senhora teve a gentileza de me introduzir no edifício fechado, pois ainda não era tarde demais. A coleção era de fato notável, mas, com o estado de espírito em que estava, eu só tive olhos para o objeto bizarro que reluzia em um armário de canto iluminado por luzes elétricas.

Não foi preciso uma sensibilidade extrema à beleza para me fazer literalmente perder o fôlego ante o singular esplendor da fantasia suntuosa e estranha pousada sobre uma almofada de veludo púrpura. Mesmo agora eu mal consigo descrever o que vi, embora fosse, com toda evidência, uma espécie de tiara, como a

descrição dizia. Ela era alta na frente e tinha o contorno da base muito grande e curiosamente irregular, como que desenhada para uma cabeça de desenho quase elíptico. O material predominante parecia ser o ouro, mas um fantástico lustro mais baço sugeria uma liga estranha com algum metal também belo e difícil de qualificar. Estava em condições quase perfeitas e poder-se-ia ficar horas estudando os motivos admiráveis e incomuns – alguns apenas geométricos, outros de todo marítimos – cinzelados ou moldados em alto relevo na superfície com uma arte de incrível graça e maestria.

Quanto mais eu a observava, mais a coisa me fascinava, e nesse fascínio havia um elemento perturbador, difícil de classificar ou explicar. De início, decidi que era a qualidade curiosa, como se fosse de um outro mundo, da arte que me deixou incomodado. Todos os outros objetos de arte que eu conhecia ou pertenciam a alguma vertente racial ou nacional conhecida, ou eram deliberados desafios modernistas às correntes reconhecidas. Essa tiara não era nem uma coisa, nem outra. Ela pertencia com toda evidência a alguma técnica acabada com enorme maturidade e perfeição, não obstante essa técnica fosse de todo anterior a qualquer outra – ocidental ou oriental, antiga ou moderna – que eu tivesse ouvido ou visto exemplificada. Era como se a arte fosse de um outro planeta.

Entretanto, logo percebi que meu desassossego tinha uma segunda e, talvez, também poderosa fonte na sugestão pictórica e matemática dos curiosos motivos. Os padrões sugeriam segredos remotos e abismos inimagináveis no tempo e no espaço, e a monotonia da natureza aquática dos relevos tornava-se quase sinistra.

Entre esses relevos, havia monstros de uma bizzarria e malignidade abomináveis — metade ícticos, metade batráquios — que não se poderiam dissociar de uma certa sensação assustadora e incômoda de paramnésia, como se evocassem uma imagem das células e tecidos profundos cujas funções de retenção são de todo primitivas e muitíssimo ancestrais. Por vezes imaginei que cada contorno daqueles peixes-rãs blasfemos transbordava a quintessência de um mal desconhecido e inumano.

Fazia um estranho contraste com o aspecto da tiara a sua história curta e prosaica tal como foi relatada pela srta. Tilton. Ela havia sido penhorada por uma quantia ridícula em um prego da State Street, em 1873, por um bêbado de Innsmouth, pouco antes de ele ser morto em uma briga. A Sociedade a havia comprado diretamente do penhorista, dando-lhe, desde logo, um mostrador à altura de sua qualidade. Sua etiqueta atribuía sua provável proveniência às índias Orientais ou à Indochina, mas a atribuição era pura especulação.

A srta. Tilton, comparando todas as hipóteses possíveis com respeito a sua origem e sua presença na Nova Inglaterra, inclinava-se a acreditar que ela pertencera a algum exótico tesouro de piratas descoberto pelo velho capitão Obed Marsh. A opinião era reforçada pelas insistentes ofertas de compra por um alto preço que os Marsh começaram a fazer tão logo souberam de sua existência e continuaram fazendo até os dias atuais a despeito da invariável determinação da Sociedade em não vender.

Enquanto me conduzia até a saída, a boa senhora deixou claro que a teoria sobre a origem pirata da fortuna

dos Marsh era popular entre as pessoas instruídas da região. Sua própria atitude para com a soturna Innsmouth — que ela nunca conhecera — era a de aversão por uma comunidade que havia descido tão baixo na escala cultural, e ela me garantiu que os rumores sobre adoração do diabo eram em parte justificados por um certo culto secreto que ganhara força por lá, engolindo todas as igrejas ortodoxas.

Chamava-se, conforme ela me disse, “A Ordem Esotérica de Dagon” e era sem dúvida uma coisa aviltante, quase pagã, importada do Oriente um século antes, em uma época em que a pesca de Innsmouth parecia ter-se esgotado. Sua persistência entre os simplórios era de todo natural tendo em vista a volta súbita e permanente da abundância de pescado de boa qualidade, e ela logo adquiriu a principal influência na cidade, substituindo por completo a Franco-maçonaria e constituindo sua sede principal na velha Casa Maçônica em New Church Green.

Tudo aquilo era um excelente motivo para a devota srta. Tilton evitar a velha cidade decadente e desolada, mas, para mim, só reafirmou o interesse. Às minhas expectativas arquitetônicas e históricas, somou-se um agudo entusiasmo antropológico e eu mal consegui dormir em meu quartinho no “Y” do correr à noite.

II

Pouco antes das dez da manhã seguinte, eu estava com uma pequena valise na frente da Hammond’s Drug Store na velha Market Square, esperando o ônibus para Innsmouth. Quando se foi aproximando a hora da sua

chegada, notei uma debandada geral dos ociosos para outros lugares da rua ou para o Ideal Lunch do outro lado da praça. O bilheteiro decerto não exagerara a aversão que os moradores locais tinham por Innsmouth e por seus habitantes. Poucos minutos depois, um pequeno ônibus de cor cinza, sujo, muitíssimo decrepito desceu sacolejando pela State Street, fez a volta e encostou no meio fio ao meu lado. Senti de imediato que o ônibus era aquele mesmo, suspeita que o letreiro pouco legível no pára-brisas — Arkham Innsmouth Newb'port — logo confirmou.

Ele trazia três passageiros apenas — pessoas escuras, desgrenhadas, de aparência suja e constituição em geral jovem — e, quando o veículo parou, eles desceram cambaleando, desajeitados, e saíram caminhando pela State Street em silêncio, de maneira quase furtiva. O motorista também desceu e eu pude observá-lo enquanto ele entrava na drugstore para fazer umas compras. Este, eu pensei, deve ser o Joe Sargent mencionado pelo bilheteiro, e, antes mesmo de notar qualquer detalhe, inundou-me uma onda de aversão espontânea que eu não pude identificar nem explicar. De repente, pareceu-me muito natural que as pessoas do local não quisessem andar em um ônibus pertencente e conduzido por aquela pessoa, nem visitar com maior freqüência o habitat de tal homem e de sua gente.

Quando o motorista saiu da loja, observei-o com mais atenção tentando determinar a origem da má impressão que ele me causara. Era um homem magro, de ombros curvados, com não mais de um metro e oitenta de altura, trajando umas surradas roupas azuis comuns e um boné de golfe roto. Tinha trinta e cinco anos, talvez,

mas as pregas estranhas e profundas nos lados de seu pescoço o faziam parecer mais velho quando não se observava seu rosto apático e inexpressivo. Tinha cabeça estreita, olhos azuis aquosos saltados que pareciam nunca piscar, nariz chato, testa e queixo recolhidos e orelhas pouco desenvolvidas. Seus lábios eram grandes e carnudos e as maçãs do rosto, acinzentadas e ásperas, pareciam quase imberbes, exceto por uns raros fios louros enrodilhados em tufo irregulares, e, em alguns pontos, sua superfície apresentava uma curiosa irregularidade, como se tivesse sido descascada por alguma doença de pele. Suas mãos eram grandes e tão marcadas pelas veias, que tinham uma coloração azul-acinzentada bem pouco natural. Os dedos eram por demais curtos em relação ao resto do corpo e pareciam ter a tendência a se enrolar contra a palma enorme. Enquanto ele caminhava até o ônibus, observei o jeito peculiar como ele bamboleava e percebi como seus pés eram anormais de tão imensos. Quanto mais eu os estudava, mais me intrigava onde ele poderia arranjar sapatos que lhe servissem.

Uma certa aparência sebosa daquele indivíduo contribuiu para o meu sentimento de aversão. Ele com certeza era acostumado a trabalhar ou vadiar pelos cais de pesca e exalava o cheiro característico desses lugares. O tipo de sangue estrangeiro que ele possuía, eu não consegui sequer imaginar. Seus traços não pareciam, de maneira alguma, asiáticos, polinésios, levantinos ou negróides, mas eu pude entender por que as pessoas o consideravam estrangeiro. Eu próprio teria pensado mais em degeneração biológica que em origem estrangeira.

Fiquei preocupado quando notei que não haveria

nenhum outro passageiro no ônibus. Por algum motivo, não me agradava a idéia de viajar sozinho com aquele motorista. Mas, quando chegou a hora da partida, reuni minha forças, entrei no ônibus atrás do homem, estendi-lhe uma nota de um dólar e murmurei a única palavra “Innsmouth”. Ele me olhou com curiosidade por um segundo e me devolveu quarenta centavos de troco sem abrir a boca. Tomei um assento muito atrás dele, mas do mesmo lado do ônibus, pois queria ficar admirando a praia durante a viagem.

O decrépito veículo arrancou enfim com um solavanco e avançou chacoalhando ruidosamente por entre as velhas construções de tijolo da State Street em meio a uma nuvem de vapor do escapamento. Observando as pessoas nas calçadas, julguei captar nelas um curioso desejo de não olhar para o ônibus — ou, pelo menos, o desejo de evitar parecer que estavam olhando para ele. Depois dobramos à esquerda para a High Street, onde o andar foi mais suave, passando pelas velhas mansões imponentes dos primeiros tempos da República e os solares rurais mais antigos dos tempos coloniais, cruzando o Lower Green e o Parker River e emergindo enfim em um trecho longo e monótono de terreno costeiro descampado.

O dia estava quente e ensolarado, mas a paisagem de areia, capim de junça e matagais atrofiados foi ficando cada vez mais desolada à medida que prosseguíamos. Do lado de fora, eu podia observar a água azul e a linha de areia da Plum Island enquanto avançávamos bem perto da praia depois que nossa estrada estreita afastou-se da estrada principal de Rowley a Ipswich. Não havia nenhuma casa à vista, o estado do caminho me dizia que

o tráfego era muito rarefeito por ali. Os pequenos postes telefônicos, gastos pelo tempo, exibiam dois fios apenas. De tempos em tempos, cruzávamos pontes de madeira bruta sobre canais de maré que faziam extensas entradas terra adentro, provocando um isolamento geral da região.

Aqui e ali eu notava tocos de madeira e ruínas de fundações na areia ondulada e me recordava da velha tradição mencionada em uma das histórias que havia lido, de que ali já havia sido uma região fértil e densamente habitada. A transformação, ao que se dizia, ocorrera na mesma época que a epidemia de 1864 em Innsmouth, e as pessoas simplórias achavam que ela tinha uma sinistra relação com forças malignas ocultas. Na verdade, ela fora o resultado da estúpida derrubada das matas perto da praia que havia tirado do solo a sua melhor proteção, abrindo caminho para o avanço das dunas.

Perdemos enfim de vista a Plum Island, ficando com a vastidão do Atlântico à nossa esquerda. Nosso caminho estreito iniciou uma subida íngreme e eu senti uma certa inquietude olhando para a crista solitária à frente onde a rodovia esburacada encontrava-se com o céu. Era como se o ônibus fosse continuar subindo, deixando por completo a sanidade terrestre para se misturar com os arcanos desconhecidos da atmosfera superior e do misterioso céu. O cheiro do mar adquiria ilações aziagas, e as costas rígidas, encurvadas e a cabeça estreita do silencioso motorista foram-se tornando mais e mais repulsivas. Olhando para ele, notei que a parte de trás da sua cabeça era tão despelada quanto o seu rosto, exibindo apenas uns tufos desgrenhados de cabelo loiro

sobre uma superfície áspera cinzenta.

Chegamos então à crista e avistamos o vale que se espalhava à nossa frente, onde o Manuxet desemboca no mar ao norte da extensa linha de penhascos que culmina em Kingsport Head e desvia para Cape Ann. No horizonte longínquo e brumoso, eu mal consegui distinguir o recorte abismal do promontório, coroado pela curiosa casa antiga da qual me haviam contado tantas lendas, mas, naquele momento, minha atenção foi atraída para o cenário mais próximo logo abaixo de mim. Ali estava, conforme percebi, a mal-afamada Innsmouth.

Era uma cidade de larga extensão e constituição densa, mas a ausência de sinais de vida era espantosa. Apenas alguns fiapos de fumaça subiam do emaranhado de chaminés e os três altos campanários projetavam-se inteiros e descorados contra o horizonte marinho. O topo de um deles estava ruindo e tanto nele como em um outro havia apenas orifícios negros escancarados onde deveriam estar os mostradores dos relógios. O vasto emaranhado de telhados de duas águas e cumeeiras pontudas abauladas transmitia, com chocante nitidez, a idéia de alguma coisa decadente e carcomida, e, à medida que nos fomos aproximando pela estrada agora descendente, pude notar que muitos tetos haviam desabado por completo. Existia também algumas casas grandes e quadradas, em estilo georgiano, com telhados pontiagudos, cúpulas e mirantes gradeados. A maioria ficava longe da água, e uma ou duas pareciam estar em condições razoáveis. Estendendo-se para o interior, por entre elas, podia-se avistar os trilhos enferrujados e cobertos de mato da ferrovia abandonada, com os postes de telégrafo inclinados já sem fios e o traçado meio oculto

das antigas estradas de rodagem para Rowley e Ipswich.

A decadência era pior perto do cais, embora eu pudesse vislumbrar em seu miolo a torre branca de uma construção de tijolos muito bem conservada com um ar de fabriqueta. O porto, de há muito obstruído pela areia, era protegido por um velho quebra-mar de pedra sobre o qual eu pude enfim começar a discernir as formas minúsculas de alguns pescadores sentados e em cuja ponta havia o que pareciam ser as fundações de um antigo farol. Uma língua de areia havia-se formado no interior dessa barreira, e sobre ela eu pude avistar algumas cabanas decrépitas, botes ancorados e armadilhas para lagostas espalhadas. O único trecho de água profunda parecia ser o do rio que passava atrás da construção com a torre e virava para o sul para desaguar no oceano na extremidade do quebra-mar.

Por toda parte, pedaços arruinados de cais sobressaíam da areia, indo terminar em uma podridão indefinível, cuja extremidade sul parecia a mais deteriorada. E, muito ao longe, mar adentro, apesar da maré alta, eu pude vislumbrar uma linha extensa e escura que mal se destacava acima da água, mas que dava uma impressão de malignidade latente. Aquilo, eu sabia, devia ser o Devil Reef. Enquanto eu o estava observando, uma sensação curiosa, sutil, de atração pareceu somar-se à sinistra repulsa e, por mais estranho que pareça, achei essa impressão mais perturbadora que a primeira.

Não encontramos viva alma na estrada, mas, quando começamos a cruzar por fazendas desertas em diferentes estágios de degradação, percebi algumas casas habitadas com trapos tapando as janelas quebradas e, conchas e peixes mortos espalhados pelos quintais

atulhados de sujeira. Uma ou duas vezes eu pude avistar pessoas de olhar mortiço trabalhando em quintais estéreis ou catando mariscos na praia malcheirosa mais atrás e grupos de crianças imundas de feições simiescas brincando perto das portas cercadas de mato. De alguma maneira, essas pessoas pareceram mais perturbadoras do que as casas sombrias, pois quase todas apresentavam certas peculiaridades de feições e movimentos que, por instinto, me desagradaram sem que eu soubesse defini-los ou compreendê-los. Por um momento, eu imaginei que aqueles traços físicos sugeriam algum quadro que eu teria visto, em um livro talvez, em circunstâncias de particular horror ou melancolia, mas essa paramnésia logo se desfez.

Quando o ônibus chegou a um nível mais baixo, comecei a captar o ruído persistente de uma queda d'água em meio ao silêncio anormal. As casas desbotadas e tortas foram-se multiplicando alinhadas dos dois lados da estrada em uma arrumação mais urbana do que as que íamos deixando para trás. O panorama à frente adensara-se em um cenário de rua, e em alguns trechos eu pude notar os pontos onde um pavimento de pedra e pedaços de uma calçada de tijolos haviam existido. Todas as casas pareciam desertas e havia vazios ocasionais onde chaminés e paredes de porões em ruínas assinalavam o colapso de antigas construções. Um cheiro nauseabundo de peixe impregnava todo o ambiente.

Logo depois começaram a surgir cruzamentos e bifurcações de ruas. Os da esquerda, na direção da praia, eram caminhos sem calçamento que conduziam a uma região miserável e sombria; os da direita mostravam vistas de uma grandeza passada. Até ali eu não avistara

quase ninguém na cidade, mas começaram a aparecer sinais esparsos de habitantes — janelas com cortinas aqui e ali e um automóvel desmantelado ocasional encostado no meio-fio. Pavimento e calçadas iam-se tornando cada vez menos definidos e, não obstante a Antigüidade da maioria das casas — construções de tijolo e madeira do começo do século XIX —, elas com certeza estavam em condições de ser habitadas. Como antiquário amador que eu era, quase esqueci a repulsa que o cheiro me provocava e a sensação de ameaça e aversão em meio àqueles restos ricos e inalterados do passado.

Mas eu não haveria de chegar ao meu destino sem uma impressão muito forte de uma característica muitíssimo desagradável. O ônibus havia parado em uma espécie de praça ou centro de irradiação com igrejas dos dois lados e os restos sujos de um gramado circular no centro, e eu estava olhando para um grande edifício público sustentado com colunas na rua da direita à minha frente. O edifício, que já fora pintado de branco, estava agora cinzento e descascado, e a placa preta e dourada no frontão estava tão gasta, que foi com dificuldade que consegui distinguir as palavras “Ordem Esotérica de Dagon”. Era esta então a antiga casa maçônica agora entregue a um culto infame. Enquanto eu me esforçava para decifrar a inscrição, minha atenção foi atraída pelos sons estridentes de um sino rachado do outro lado da rua e virei-me depressa para olhar pela janela do meu lado do ônibus.

O som vinha de uma igreja de pedra de torre achatada cuja idade era decerto posterior à da maioria das outras construções, construída em um estilo gótico deturpado e com um porão mais alto que o normal, com

as janelas de persianas fechadas. Apesar de o relógio não ter ponteiros na face que eu avistava, eu sabia que aquelas badaladas roufenhas estavam marcando as onze horas. De repente, toda noção de tempo apagou-se com o aparecimento repentino de uma figura muito marcante e do horror indizível que me possuiu antes de me dar conta do que se tratava. A porta do porão da igreja abriu-se, deixando entrever um retângulo de escuridão no interior. Enquanto eu olhava, um certo objeto cruzou, ou pareceu cruzar, aquele retângulo escuro, fazendo meu cérebro arder com a imagem instantânea de um pesadelo que era ainda mais alucinante, porque, à luz de uma análise, não lhe restaria a menor característica de pesadelo.

Era um objeto vivo — o primeiro com exceção do motorista que eu via desde a entrada na parte mais compacta da cidade — e, estivesse eu com maior equilíbrio mental, não veria nada de aterrorizante nele. Tratava-se, com toda certeza, como percebi um instante depois, do pastor, trajando alguma roupa peculiar por certo introduzida desde que a Ordem de Dagon havia modificado o ritual dos templos locais. A coisa que captou meu primeiro olhar subconsciente produzindo o traço de horror bizarro foi, talvez, a tiara alta que ele usava, uma duplicata quase perfeita de uma que a srta. Tilton havia-me mostrado na noite anterior. Aquilo, agindo em minha imaginação, tinha emprestado qualidades sinistras ao rosto impreciso e ao vulto de batina bamboleando por baixo dela. Não havia, como eu logo me conscientizei, a menor razão para ter sentido aquele traço apavorante de paramnésia maligna. Não seria natural que um culto secreto local adotasse, como

parte de seu aparato, um tipo exclusivo de chapéu que, de alguma maneira especial, fosse familiar à comunidade – como um tesouro encontrado, talvez?

Uma pequena quantidade muito espalhada de pessoas jovens de aspecto repelente fizera-se visível então nas calçadas – pessoas isoladas e grupos silenciosos de duas ou três. Os pisos térreos das casas deterioradas abrigavam pequenas lojas ocasionais com placas esqueléticas e pude notar um ou dois caminhões estacionados enquanto avançávamos sacolejando. O ruído de queda d’água foi-se intensificando até que eu avistei uma garganta de rio bastante profunda à frente cortada por uma larga ponte com peitoris de ferro que terminava em uma ampla praça. Enquanto cruzamos a ponte com grande estrépito, notei alguns barracões de fábrica à beira das encostas cobertas de mato ou nos próprios declives. A água corria com abundância mais abaixo e pude perceber dois conjuntos de quedas d’água vigorosos rio acima, à minha direita, e pelo menos um rio abaixo, à minha esquerda. Naquele ponto, o barulho era ensurdecedor. O ônibus cruzou a ponte para a grande praça semicircular do outro lado do rio e encostamos no lado direito, à frente de um edifício alto coroado por uma cúpula com restos de pintura amarela e uma placa meio apagada proclamando, tratar-se da Gilman House.

Fiquei aliviado por sair daquele ônibus e fui de imediato me registrar no saguão daquele hotel ordinário. Só havia uma pessoa à vista – um velho sem aquilo que eu viera a chamar de “jeito de Innsmouth” –, mas resolvi não lhe fazer nenhuma das perguntas que me preocupavam ao recordar que coisas estranhas haviam sido notadas neste hotel. Preferi dar uma caminhada pela

praça, que já havia sido abandonada pelo ônibus, e estudar o ambiente com minuciosa atenção.

Um lado do espaço aberto e calçado de pedregulhos era a linha reta do rio; o outro era um semicírculo com construções de tijolos de telhados oblíquos de 1800, ou perto disso, de onde saíam várias ruas para sudeste, sul e sudoeste. As lâmpadas eram poucas e pequenas – todas de tipo incandescente e baixa potência – e me agradou lembrar que pretendia partir antes de escurecer, mesmo sabendo que o luar seria intenso. As construções estavam todas bem conservadas e contavam uma dúzia, talvez, de lojas em funcionamento: uma delas um armazém da cadeia First National, outras um restaurante sombrio, uma farmácia e um escritório de atacadista de pescado e, ainda, no extremo leste da praça, perto do rio, o escritório da única indústria da cidade: a Marsh Refining Company. Havia umas dez pessoas visíveis, talvez, e quatro ou cinco automóveis e caminhões esparsos encostados por ali. Ninguém precisaria dizer-me que ali era o centro cívico de Innsmouth. Para o leste, eu pude captar vislumbres azulados do porto, contra os quais se erguiam os restos decadentes de três campanários em estilo georgiano que algum dia deviam ter sido bonitos. E, na direção da praia, na margem oposta do rio, avistei a torre branca erguendo-se acima do que tomei pela refinaria Marsh.

Por algum motivo, resolvi iniciar meu inquérito na loja da cadeia de armazéns, cujos funcionários com certeza não deviam ser nativos de Innsmouth. Encontrei um rapaz solitário, com cerca de dezessete anos, no atendimento, e me agradou notar a vivacidade e a afabilidade que prometiam entusiásticas informações. Ele

me pareceu ansioso para falar e logo percebi que ele não gostava do lugar, de seu cheiro de peixe nem de sua gente furtiva. Conversar com algum forasteiro era um alívio para ele. Ele era de Arkham, alojara-se com uma família proveniente de Ipswich e saía da cidade sempre que tinha uma folga. Sua família não gostava que ele trabalhasse em Innsmouth, mas a loja o havia transferido para ali e ele não quisera desistir do emprego.

Segundo o que me contou, não havia em Innsmouth nenhuma biblioteca pública nem câmara de comércio, mas eu decerto conseguiria dar um jeito. A rua por onde eu havia chegado era a Federal. A oeste dela ficavam as velhas ruas residenciais elegantes – Broad, Washington, Lafayette e Adams – e a leste, a beira-mar, ficavam as favelas. Era nessas favelas – ao longo da Main Street – que eu poderia encontrar as antigas igrejas em estilo georgiano, mas elas estavam desde há muito abandonadas. Não seria bom, por exemplo, ser visto nessas vizinhanças – em especial ao norte do rio –, onde as pessoas eram emburradas e hostis. Alguns forasteiros haviam até desaparecido.

Certos locais eram territórios quase proibidos, como ele havia aprendido a duras penas. Por exemplo, não convinha demorar-se muito por perto da refinaria Marsh, ou de alguma das igrejas ainda em uso, ou nas cercanias da Casa da Ordem de Dagon em New Church Green. Essas igrejas eram muito estranhas – todas repudiadas com veemência pelas respectivas ordens de outros lugares e usando tipos dos mais esquisitos de rituais e paramentos. Seus cultos eram heterodoxos e misteriosos, envolvendo sugestões de transformações mágicas que conduziriam à imortalidade física – de

algum tipo – nesta Terra. O pastor do jovem – o Dr. Wallace da Asbury M. E. Church em Arkham – havia-lhe recomendado não participar de nenhum culto em Innsmouth.

Quanto à população de Innsmouth, o jovem mal sabia o que dizer a seu respeito. Eram esquivos e poucas vezes vistos, como animais que vivem em tocas, e mal se poderia imaginar como gastavam o tempo, exceto pela pesca inconstante. Talvez – a julgar pela quantidade de bebidas contrabandeadas que consumiam – eles gastassem a maior parte do dia em estupor alcoólico. Eles pareciam enturmados em uma espécie de camaradagem e entendimento sombrios – desprezando o mundo como se tivessem acesso a outras esferas de existência preferíveis. Sua aparência – em especial aqueles olhos arregalados que não piscavam e que ninguém jamais vira fechados – era por demais chocante, e as suas vozes, repulsivas. Era horrível ouvi-los entoando hinos nas suas igrejas à noite e mais ainda durante suas festividades religiosas principais que aconteciam duas vezes por ano, em 30 de abril e 31 de outubro.

Eram muito ligados à água e nadavam bastante, tanto no rio como no porto. As disputas de natação até o Devil Reef eram muito comuns e todos pareciam capazes de participar dessa exigente competição esportiva. Pensando nisso, as pessoas vistas em público eram quase todas jovens, e os mais velhos desses pareciam ter o aspecto mais decadente. As exceções, quase sempre, eram pessoas sem nenhum sinal de aberração, como o velho funcionário do hotel. Era de se pensar o que teria acontecido com o grosso dos mais velhos e se o “jeito de Innsmouth” não seria um fenômeno mórbido insidioso e

estranho cuja incidência aumentasse com a idade.

Só uma doença muito rara, por certo, poderia provocar transformações anatômicas tão fortes e radicais em um mesmo indivíduo depois da maturidade — transformações envolvendo fatores ósseos tão básicos como o formato do crânio —, mas mesmo esse aspecto não era mais intrigante e inaudito do que as manifestações visíveis da enfermidade em si. Seria difícil tirar alguma conclusão consistente sobre isso, insinuou o jovem, pois, por mais que alguém vivesse em Innsmouth, jamais conseguiria conhecer os nativos em pessoa.

O jovem tinha a certeza de que muitos espécimes ainda piores, do que os piores visíveis, viviam trancados dentro das casas em alguns locais. Sons muito esquisitos foram escutados algumas vezes. Era sabido que os casebres estropiados do cais ao norte do rio eram interligados por túneis ocultos, constituindo um verdadeiro viveiro de aberrações invisíveis. Qual tipo de sangue estrangeiro essas criaturas tinham — se tinham — era algo impossível de se saber. Elas mantinham alguns tipos repulsivos demais escondidos quando funcionários públicos e outras pessoas de fora apareciam na cidade.

Não valeria à pena, disse-me o meu informante, perguntar aos nativos alguma coisa sobre o lugar. O único que falaria era um homem muito idoso, mas de aparência normal, que vivia no asilo na periferia norte da cidade e matava o tempo andando de um lado para outro e fazendo hora no Corpo de Bombeiros. Essa figura tosca, Zadok Allen, tinha 96 anos e não regulava bem da cabeça, além de ser o bêbado da cidade. Era uma criatura esquisita, furtiva, que vivia olhando por cima dos ombros como se tivesse medo de alguma coisa e, quando estava

sóbrio, nada conseguia persuadi-lo a conversar o que quer que fosse com estranhos. Mas era incapaz de resistir a um convite ao seu veneno predileto e, uma vez bêbado, segredaria fragmentos de lembranças estarrecedores.

No fim das contas, porém, poucas informações úteis poderiam ser extraídas dele. Suas histórias eram todas insinuações incompletas e malucas de prodígios e horrores impossíveis sem outra fonte que não a sua própria e confusa imaginação. Ninguém lhe punha fé, mas aos nativos desagradava que ele bebesse e conversasse com estranhos, e nem sempre era seguro ser visto fazendo-lhe perguntas. Era com certeza dele que partiam alguns dos mais alucinados rumores e fantasias.

Muitos moradores não-nativos haviam registrado aparições monstruosas ocasionais, mas, entre as histórias do velho Zadok e os moradores disformes, não é de se admirar que essas fantasias fossem corriqueiras. Nenhum não-nativo ficava fora de casa até tarde da noite; a impressão generalizada era que isso não seria recomendável. Ademais, uma escuridão tenebrosa envolvia as ruas.

Quanto aos negócios, a abundância de peixes era quase sinistra, por certo, mas os nativos beneficiavam-se cada vez menos disso. Além do mais, os preços estavam caindo e a concorrência crescendo. O verdadeiro empreendimento da cidade era, com certeza, a refinaria, cujo escritório comercial ficava na praça, algumas portas a leste de onde nós estávamos. O Velho Marsh jamais era visto, mas às vezes ia à fábrica em um carro fechado e protegido por cortinas.

Corria toda sorte de rumores sobre a aparência de Marsh. Ele já havia sido um grande dândi e as pessoas

diziam que ele ainda usava a sobrecasaca do período eduardino adaptada, de uma maneira curiosa, para algumas deformidades. Seus filhos haviam administrado anteriormente o escritório na praça, mas nos últimos tempos não eram muito vistos, tendo deixado o grosso dos negócios para a geração mais nova. Os filhos e suas irmãs haviam adquirido uma aparência muito singular, em especial os mais velhos, e corria que eles não gozavam de boa saúde.

Uma das filhas de Marsh era uma mulher repulsiva com feições de réptil que usava um exagero de jóias misteriosas da mesma tradição exótica da curiosa tiara. Meu informante já as havia visto diversas vezes e ouvira dizer que elas vinham de algum tesouro secreto de piratas ou demônios. Os padres – ou sacerdotes, ou seja lá como são chamados hoje em dia – também usavam ornamentos desse tipo nas cabeças, mas era raro vê-los. Outros exemplares o jovem não vira, mas corriam rumores de que havia vários nos arredores de Innsmouth.

Os Marsh, assim como as outras três famílias abastadas da cidade – os Wait, os Gilman e os Eliot – eram muito reservados. Moravam em casas enormes ao longo da Washington Street e vários deles tinham a reputação de abrigar escondidos alguns parentes vivos cuja aparência pessoal era ocultada da visão do público e cujas mortes haviam sido noticiadas e registradas.

Prevenindo-me de que muitas placas de rua haviam caído, o jovem desenhou para me ajudar um esboço de mapa tosco, mas amplo e meticoloso, dos principais pontos de referência da cidade. Depois de estudá-lo algum tempo, achei que me seria de grande

utilidade e coloquei-o no bolso em meio a profusos agradecimentos. A sujeira do único restaurante que eu encontrei me deixou nauseado e tratei de comprar um bom suprimento de biscoitos de queijo e wafers de gengibre, que me serviriam de almoço mais tarde. Decidi que meu programa seria percorrer as ruas principais, conversar com todo não-nativo que pudesse encontrar e tomar o ônibus das oito da noite para Arkham. A cidade, como eu podia perceber, era um exemplo significativo e exagerado de decadência comunal, mas, não sendo nenhum sociólogo, eu limitaria minhas observações sérias ao campo da arquitetura.

E foi assim que eu iniciei minha visita sistemática e um tanto desordenada às ruas estreitas e soturnas de Innsmouth. Cruzando a ponte e virando na direção do rugido das quedas d'água inferiores, passei perto da refinaria Marsh, à qual parecia faltar o ruído típico de uma indústria. Essa construção ficava acima da margem íngreme do rio, perto da ponte e de uma confluência espaçosa de ruas que tomei como sendo o antigo centro cívico, substituído depois da revolução pelo atual na Town Square.

Cruzando de volta a garganta pela ponte da Main Street, dei com uma região por completo deserta que me deu calafrios sem eu saber por quê. Uma profusão de telhados arruinados de duas águas formava uma silhueta recortada e fantástica acima da qual se erguia o campanário fantasmagórico e truncado de uma antiga igreja. Algumas casas da Main Street estavam habitadas, mas a maioria estava fechada hermeticamente por tábuas. Descendo por ruas laterais sem calçamento, eu vi as janelas escuras escancaradas de casebres desertos,

muitos deles se inclinando em ângulos perigosos e inacreditáveis desde a parte enterrada das fundações. Essas janelas pareciam de tal forma espectrais, que precisei de coragem para virar para o leste na direção da zona portuária. O terror provocado por uma casa deserta aumenta em progressão geométrica, e não aritmética, quando as casas multiplicam-se para formar uma cidade em completo abandono. A vista daquelas avenidas intermináveis de um suspeito abandono e paralisia e a idéia de uma imensidão de recintos escuros interligados abandonados às teias de aranha, às memórias e ao verme conquistador, provocava pavores e repulsas residuais que a mais sólida filosofia seria incapaz de desfazer.

A Fish Street estava tão deserta quanto a Main, mas se diferenciava dessa pelos muitos armazéns de pedra e tijolo ainda em excelente estado. A Water Street era quase uma duplicata dela, salvo pelos grandes espaços vazios do lado do mar onde antes estavam as docas. Não havia viva alma à vista, exceto os pescadores espalhados no quebra-mar distante, e não se ouvia o menor som, salvo o marulho das águas no porto e o rugido das quedas do Manuxet. A cidade estava deixando-me cada vez mais inquieto, fazendo-me olhar furtivamente para trás enquanto tomava o caminho de volta para a cambaleante ponte da Water Street. A ponte da Fish Street, segundo o esboço, estava em ruínas.

Ao norte do rio havia traços de vida miserável — casas de acondicionar peixes na Water Street, chaminés fumegando e telhados remendados aqui e ali, sons ocasionais de fontes indeterminadas e raras formas cambaleantes nas ruas soturnas e becos não pavimentados —, mas isto me pareceu ainda mais

opressivo que o abandono do lado sul. Em primeiro lugar, as pessoas eram mais repulsivas e anormais do que as de perto do centro da cidade, fazendo-me recordar, muitas vezes, de algo de todo fantástico que eu não conseguia situar muito bem. A marca estrangeira na gente de Innsmouth era com certeza mais forte aqui do que mais para o interior — a menos, é certo, que o “jeito Innsmouth” fosse mais uma doença que uma marca hereditária, caso em que este bairro devia ser mantido para abrigar os casos mais adiantados.

Um detalhe que me incomodava era a distribuição dos poucos e tênues sons que eu ouvia. Seria natural que eles saíssem das casas visivelmente habitadas, mas, na realidade, muitas vezes eles eram mais fortes no interior das fachadas mais bem bloqueadas com madeira. Havia estalidos, correrias e ruídos ásperos e imprecisos que me provocavam uma perturbadora recordação dos túneis secretos sugeridos pelo rapaz do armazém. De repente, eu me vi imaginando como seriam as vozes daqueles moradores. Eu não havia escutado nenhuma fala até então naquele bairro e não estava ansioso por ouvi-la.

Tendo parado apenas o suficiente para observar duas velhas igrejas bonitas mas em ruínas das Main e Church Streets, apressei-me para sair daquela ímpia favela costeira. Meu destino lógico seguinte era o New Church Green, mas por alguma razão não pude suportar a idéia de passar de novo na frente da igreja em cujo porão eu havia vislumbrado a forma assustadora daquele padre ou pastor com o estranho diadema. Ademais, o rapaz do armazém me havia dito que as igrejas, bem como a Casa da Ordem de Dagon, não eram vizinhanças recomendáveis para forasteiros.

Assim, prossegui no sentido norte ao longo da Main Street para a Martin e depois virei para o interior, cruzando com segurança a Federal Street ao norte da Green, entrando no decadente bairro aristocrático das Broad, Washington, Lafayette e Adams Streets ao norte. Embora essas velhas e imponentes avenidas estivessem maltratadas, sua dignidade sombreada por olmos não havia desaparecido por completo. Mansão após mansão atraía meu olhar, a maioria delas decrépita e fechada com tábuas em meio a terrenos abandonados, mas uma ou duas de cada rua revelavam sinais de ocupação. Na Washington Street, havia uma fileira de quatro ou cinco em condição excelente com jardins e gramados bem cuidados. A mais suntuosa dessas — com amplos canteiros em escada estendendo-se até a Lafayette Street — eu tomei como sendo a casa do velho Marsh, o desgraçado proprietário da refinaria.

Em todas essas ruas não se via viva alma, e me surpreendia a absoluta ausência de cães e gatos em Innsmouth. Outra coisa que me intrigou e perturbou mesmo nas mansões mais bem preservadas foi a condição de total vedação de muitas janelas de terceiro pavimento e de sótão. Tudo parecia furtivo e secreto nessa cidade silenciosa de alienação e morte, e não pude me furtar à sensação de estar sendo observado de todos os lados, às ocultas, por olhos arregalados e furtivos que jamais se fechavam.

Estremeci quando as badaladas estridentes deram três horas em um campanário à minha esquerda. Lembrava-me bem demais da igreja de onde vinham aqueles sons. Seguindo pela Washington Street até o rio, eu percorria então uma nova zona de comércio e

indústria antigos, notando as ruínas da fábrica à frente e observando outras, com vestígios de uma velha estação ferroviária e uma ponte ferroviária coberta mais além sobre a garganta à minha direita.

A ponte vacilante agora à minha frente exibia uma placa de advertência, mas assumi o risco e cruzei-a de novo para a margem sul onde os vestígios de vida reapareceram. Criaturas furtivas e cambaleantes dirigiam olhares interrogativos em minha direção e os rostos mais normais me escrutinavam com frieza e curiosidade. Innsmouth estava tornando-se intolerável muito depressa, e eu virei para Paine Street na direção da praça na esperança de arrumar algum veículo que me levasse para Arkham antes do ainda distante horário de saída daquele ônibus sinistro.

Foi então que eu vi o arruinado edifício do Corpo de Bombeiros à minha esquerda e notei o velho rubicundo de barba hirsuta, olhos aquosos e roupas esfarrapadas sentado em um banco à sua frente junto com um par de bombeiros desleixados mas de aparência normal. Este devia ser, com certeza, Zadok Allen, o nonagenário beberrão e meio louco cujas histórias sobre a velha Innsmouth e suas sombras eram tão repulsivas e incríveis.

III

Deve ter sido algum diabinho da perversidade — ou algum irônico impulso de origem obscura e misteriosa — que me fez mudar os planos. Eu já havia decidido, desde há muito, limitar minhas observações à arquitetura e estava caminhando em passo acelerado na direção da

praça para tentar conseguir um transporte rápido para sair daquela cidade corrompida de morte e dissolução, mas a visão do velho Zadok Allen deu uma nova direção a meus pensamentos, fazendo-me arrefecer o passo.

Garantiram-me que o velho não poderia fazer nada além de insinuar lendas bárbaras, incríveis, desconjuntadas e advertiram-me que não era seguro, por causa dos nativos, ser visto conversando com ele, mas a idéia dessa testemunha antiga da degradação da cidade, com memórias que remontavam aos primeiros tempos dos navios e das fábricas, era uma isca que uma montanha de razão não me faria resistir. Afinal, os mitos mais estranhos e mais loucos não passam, muitas vezes, de símbolos ou alegorias baseados na realidade — e o velho Zadok devia ter assistido a tudo que se passara em Innsmouth nos últimos noventa anos. A curiosidade sobrepôs-se à sensatez e à cautela e, com toda minha presunção de jovem, imaginei que seria capaz de peneirar um miolo de história real do jorro confuso e extravagante que decerto conseguiria extrair com o concurso do uísque puro.

Sabia que não poderia aborda-lo ali, naquele momento, pois os bombeiros com certeza perceberiam e impediriam. Pensei então que seria melhor me preparar comprando uma bebida clandestina em um local em que, segundo o rapaz da venda, havia de sobra. Depois eu ficaria vadiando perto do posto dos bombeiros como quem não quer nada e bateria com o velho Zadok quando ele saísse para uma de suas freqüentes perambulações. O rapaz me dissera que ele era muito irrequieto e quase nunca ficava sentado perto do posto mais de uma ou duas horas de cada vez.

Consegui com facilidade uma garrafa de um quarto de litro de uísque a um preço salgado nos fundos de uma esqualida loja de bugigangas na Eliot Street, logo na saída da praça. O sujeito mal-encarado que me atendeu tinha um quê do olhar fixo do “jeito de Innsmouth”, mas tinha modos bastante civilizados, acostumado que estava, talvez, ao convívio com os forasteiros – caminhoneiros, compradores de ouro, gente assim – que passavam às vezes pela cidade.

Voltando à praça, percebi que a sorte estava do meu lado quando vislumbrei – arrastando os pés pela Paine Street e dobrando a esquina da Gilman House – nada menos que o vulto alto, magro e esfarrapado do velho Zadok Allen. Obedecendo meu plano, atraí a sua atenção brandindo a garrafa recém-comprada e não demorou para notar que ele começara a arrastar os pés esperançoso no meu calção enquanto eu dobrava a esquina para a Waite Street a caminho da região mais deserta que pude imaginar.

Eu estava orientando-me pelo mapa que o rapaz da venda havia preparado e queria chegar ao trecho em total abandono na parte sul do cais que havia visitado mais cedo. As únicas pessoas que eu havia visto por lá foram os pescadores no quebra-mar distante e, caminhando alguns quarteirões para o sul, eu poderia ficar fora do alcance visual deles, encontrar um par de assentos em algum molhe abandonado e ficar à vontade para interrogar o velho Zadok sem ser observado, pelo tempo que fosse necessário. Ainda não havia chegado à Main Street quando ouvi um “Ei, senhor!” fraco e ofegante às minhas costas e permiti que o velho me alcançasse e desse várias bicadas na garrafa. Comecei a

jogar uns verdes enquanto seguíamos em meio àquela desolação onipresente e às ruínas oblíquas, mas logo percebi que a língua do ancião não se soltaria com a facilidade que eu esperava. Enxerguei enfim um caminho coberto de mato na direção do mar entre paredes de tijolos ruídas com o prolongamento de um cais de terra e alvenaria projetando-se para além do mato. As pedras cobertas de musgo empilhadas perto da água prometiam assentos toleráveis e o cenário ficava protegido da vista por um armazém em ruínas ao norte. Achei que ali seria um lugar ideal para uma longa conversa secreta e tratei de conduzir meu acompanhante pelo caminho e escolher lugares para nos sentarmos entre as pedras musgosas. O ar de morte e abandono era terrível e o fedor de peixe quase insuportável, mas eu estava decidido que nada me deteria.

Restavam cerca de quatro horas para conversar se eu quisesse pegar o ônibus das oito para Arkham, e tratei de injetar mais álcool no velho beberão enquanto comia minha refeição frugal. Tive o cuidado de não passar do limite com minha generosidade para a tagarelice etílica de Zadok não afundar em um estupor mudo. Uma hora depois, sua furtiva taciturnidade deu mostras de ceder, mas, para meu desconsolo, ele continuava esquivando-se de minhas perguntas sobre Innsmouth e seu tenebroso passado. Expressia-se de maneira confusa sobre assuntos correntes, revelando grande familiaridade com jornais e uma forte tendência para filosofar à maneira sentenciosa dos vilarejos.

Quando a segunda hora estava esgotando-se, temi que a minha garrafa de uísque não fosse suficiente e estava pensando se devia abandonar o velho Zadok para

ir buscar mais quando o acaso proporcionou a abertura que minhas perguntas não haviam conseguido e as divagações do velho arquejante tomaram um rumo que me fez inclinar para perto dele e ouvir com a maior atenção. Eu estava de costas e ele de frente para o mar malcheiroso quando alguma coisa fez o seu olhar erradio fixar-se no contorno baixo e distante do Devil Reef, que se exibia por inteiro e fantasmagórico acima das vagas. A vista pareceu deixa-lo perturbado, pois ele soltou uma série de imprecações em voz baixa que terminaram em um sussurro confidencial e um olhar de esguelha. Ele inclinou-se para mim, agarrou as lapelas de meu casaco e soprou algumas pistas que não permitiam equívocos.

“Foi lá que tudo começou... naquele lugá amardiçoado com toda a mardade onde começa a água profunda. Porta do inferno... desce a pique pra uma profundidade que sonda nenhuma não consegue arcanjá. O veio cap’tão Obed fez... ele que adescobriu mais do que divia nas ilha dos Mar do Sul”.

“Tava todo mundo na pió naqueles tempo. Comércio caindo, usinas perdendo negócio... mermo as nova... e nossos melhó rapaiz matado na pirataria, na guerra de 1812, perdido com o brigue Elizy e a barcaça Ranger, os dois negócio do Gilman. Obed Marsh, ele tinha treis navio no mar, o bergatim Columby, o brigue Hetty e a barca Sumatry Queen. Foi o único que manteve o comércio com as índia Orienta e o Pacifico, embora a goleta Malay Bride de Esdras Martin fez negócio até vinte e oito”.

“Nunca teve arguém como cap’tão Obed... diabo velho! Eh, eh! Posso até vê ele falano das estranjas e chamano todos os rapazes de besta praquê eles ficá ino

nas reunião de Natal e suportano suas dô com humirdade. Diz que era bom eles arranja uns deus meió como os daqueles cara das India; uns deus qui dava boa pescaria preles em troca deles fazê sacrificios e atendia de verdade as prece dos rapaiz”.

“Matt Eliot, seu immediato, falava um bocado tombem, só qu’ele era contra os rapaiz fazê coisas pagã. Falava duma ilha pra leste de Otaiti onde tinha uma porção de ruína de pedra tão veia, que ninguém não sabia o que era, meio como as de Ponape nas Carolina, mas com os rosto escurpido dum jeito que parecia as estáuta gigante da Ilha da Páscoa. Tinha uma ilhota vurcânica lá por perto, tombem, onde tinha ruína com escurtura diferente..., umas ruína muito gasta, como seja tivesse ficado debaixo do mar, e com uns desenhos de monstros horríver nelas”.

“Beim, seu, Matt diz que os nativo de lá conseguia todo us peixe que podia pega, e usava bracelete, e pursera, e enfeites de cabeça feito dum tipo de oro estranho e coberto de imagem de monstro como as escurpida nas ruína da ilhota: meio rã com jeito de peixe ou peixe com jeito de rã, riscada em tudo quanto é tipo de posição como se fosse gente. Ninguém num conseguiu sabe deles onde eles tinha arranjado aquilo tudo, e todos os otros nativo não sabia dizê como eles podia consegui tanto peixe quando nas ilhas bem perto não dava quase nada. Matt também ficava cismado e o cap’tão Obed também. Obed percebe tombem que um monte de rapaiz bunito sumia de vista um tempão todo us ano, e que não tinha muitos cara mais veio pur lá. Ele tombem acho que uns cara tinha um jeito muito estranho mesmo pra polinésio”.

“Foi preciso Obed pra arranca a verdade daqueles pagão. Num sei como que ele feiz, mas começou a negocia aquelas coisa parecida com oro qui eles usava. Preguntô de onde que elas vinha e se eles podia arranja mais, e finarmente arranco a história du veio chefe. Walakea, era assim que chamavo ele. Ninguém fora de Obed não ia acredita no veio diabo gritalhão, mas o cap'tão podia lê sujeito assim como um livro. Eh, eh! Ninguém acredita nimim agora quando eu conto, e num acho que ocê vai acredita, rapaizim..., embora, quando a gente oia procê, cê tem aqueles óio aceso como os do Obed”.

O sussurro do velho foi ficando mais fraco e senti um estremecimento com a gravidade franca e terrível de seu tom, mesmo sabendo que a sua história podia não passar da fantasia de um bêbado.

“Beim, seu, Obed sabia que tein coisa nessa arte que a maioria dos caras nunca oviu falá... e não ia acredita se ovisse. Parece que esses canaca sacrificava seus próprio rapaiz e donzela pra uns tipo de coisas-deus que vive debaixo do mar e ganhava todo tipo de recompensa em troca. Eles encontrava as coisas na ilhazinha cóas ruínas estranha e parece que aqueles terríver pintor de monstros râpexe devia de sê os pinto dessas coisas. Tarvez eles era o tipo de criatura que começo todas as história de sereia. Eles tinha todo tipo de cidade no fundo do mar, e essa ilha levanto de lá. Parece que tinha algumas coisa viva nos prédio de pedra quando a ilha subiu de repente pra cima. Foi assim que os canaca ficô sabendo queles tava lá. Falaro por sinars assim que elis perdero o pavô, e não demoro pra eles arruma umas barganha”.

“Aquelas coisa gostava de sacrifícios humano. Fizero eles muito tempo antes, mas perdero o rumo do mundo de cima dispois de um tempo. O que eles fazia com as vítima não é comigo, e acho que Obed não foi besta de preguntá. Mas tava tudo bem pros pagão, praque eles tava numa pió e tava desesperado com tudo. Eles até dava um certo número de jovens pras coisas do mar duas veiz por ano, vespra de 1° de maio e de Halloween, sempre que podia. Sabe, eles podia vive tanto dentro como fora d’água; é o que chamam de anfíbis, eu acho. Os canaca dizia pra eles que os cara das outras ilhas podia querê acaba com eles se sobesse que eles era ansim, mas eles dizia que não ligava pra isso praque podia acaba com toda a raça humana se quisesse, qué dizê, com quarqué um que não tivesse certos sinars como os que era usado antigamente pelos antigos, seja lá quem for. Mas não querendo se incomoda, eles se escondia bem no fundo quando arguém visitava a ilha”.

“Quando tinha que lidá com os peixe com jeito de sapo, os canaca meio que latia, mas acabaro aprendeno alguma coisa que deu uma cara nova pra questão. Parece que os cara humano conseguira uma espécie de relação com as besta da água, que tudo que era vivo saiu da água alguma vez e só precisa de um pouco de mudança pra vortá de novo. As coisa dissera pros canaca que se eles misturasse os sangue podia nasce criança com cara de gente no começo, mas que dispois elas ficava mais como as coisa, té que finarmente elas ia pra água pra se junta com o grosso das coisa por lá. E essa é a parte importante, garoto: os que virasse coisa peixe e entrasse na água não morria nunca mais. As coisas nunca morria se não fosse matada com violência”.

“Beim, seu, parece que, quano Obed conheceu aqueles ilhota, eles tava cheio de sangue de peixe das coisa das água profunda. Quando eles ficara veio e começaram a mostra, eles era deixado escondido até senti com vontade de ir pra água e deixa o lugar. Arguns era mais ensinado qui os outro, e arguns nunca não mudô o que precisava para ir pra água, mas a maioria ficô bem do jeito que as coisa dizia. Os que tinha nascido mais parecido com as coisa mudava logo, mas os que era quase humano as vez ficava na ilha té que tinham mais de setenta, embora eles geramente ia pro fundo numas viagem de teste antes daquilo. Os rapaiz que ia pra água geramente voltava bastante pra visita, de maneira que um home muitas vezes podia tar falando com seu próprio cinco vez avô que tinha saído da terra seca uns duzentos ano pra traiz”.

“Todo mundo largava a idéia de morrer..., menos nas guerra de canoa com os moradô das outras ilha, ou nos sacrifício pros deus do mar lá em baixo, ou mordida de cobra, ou peste, ou doença galopante, ou de alguma coisa antes deles pode ir pra água... Mas só ficava esp’rando um tipo de mudança que não era nem um pouco horrível depois de um tempo. Eles achava que o que recebia valia tudo que eles tinha deixado pra traiz... e eu acho que o Obed, ele mesmo acabou achando a mesma coisa quando penso um pouco no caso de Walakea. Mas Walakea foi um dos pouco que num tinha nenhum sangue de peixe..., pois era de sangue rear que tinha casado com gente de sangue rear de outras ilhas”.

“Walakea mostrou pra Obed uma porção de rito e encantamento que tinha a vê co’as coisa do mar e deixou ele vê arguns rapaiz da ardéia que tinha mudado

bastante da forma humana. De um jeito o de outro, nunca deixo ele vê umas das coisa que saía sempre da água. No finir, ele deu pra ele um bejeto engraçado feito de chumbo, o sei lá oquê, que ele dizia que podia trazê as coisa peixe de qualquer lugá de debaixo d'água onde pudesse tê uma ninhada delas. A idéia era atira a coisa pra baixo com o tipo certo de reza e procurá. Walakea garantia que as coisa tava espalhada pelo mundo todo, e que quem procurasse podia encontra uma ninhada delas e puxa elas se quisesse”.

“Matt não gostou nada desse negócio e queria que Obed ficasse longe da ilha, mas o cap'tão tava loco por dinheiro e acho que podia consegui aquelas coisas parecida com oro tão barata, que valia a pena se especializá naquilo. As coisas ficaro daquele jeito durante muito anos, e Obed conseguiu bastante daquela coisa parecida com oro pra pode começa a refinaria na velha usina do Waite que estava se acabano. Ele não arriscava vende as peça como elas era, porque as gente ia ficá fazeno pergunta o tempo todo. Mesmo assim, as tripulação dele de vez em quando arrumava um pedaço, mesmo jurando que não ia abri a boca, e ele deixava suas mulhé usar algumas peça que tinha mais jeito humano que as outra”.

“Bem, ali por perto de trinta e oito, quando eu tinha sete anos, Obed descobriu que o povo da ilha tinha sumido de vez entre uma viagem e outra. Parece que os morado das otras ilha tinha expulsado eles e tomado conta de tudo. Magino que eles devia tê aqueles antigo sinar mágico qui as coisas do mar dizia que era as única que dava medo nelas. Sem falá no que quarqué canaca pode metê a mão quano o fundo do mar vomita arguma

ilha com ruínas mais veia que o dilúvio. Uns bom mardito, eles era... Não deixaro nada de pé nem na ilha principar, nem na ilhota vircânica fora as parte das ruína qui era grande dimais pra derruba. Narguns lugá, tinha umas pedrinha espaiada, como feitiço, com arguma coisa em cima como o que a gente chama de suástica hoje em dia. Decerto era os sinar dos antigos. Os cara tudo tinha sumido, nem chero das coisas parecida com ouro, e nenhum dos canaca das redondeza deixo escapa uma palavra sobre o assunto. Nem quisero admiti que tinha morado arguém naquela ilha”.

“Aquilo foi muito duro pro Obed, é craro, ver que seu negócio normar não tava dando nada. E atingiu toda Innsmouth, também, porque, nos tempo da navegação, o que dava lucro pro mestre dum navio gerarmente dava lucro pra tripulação. A maioria dos rapaiz da cidade aceitaro os tempo duro meio que nem ovelha, resignado, mas eles também tava na pió, porque a pesca tava esgotano e as usina também num ia bem”.

“Foi nesse tempo que Obed começo a mardizê os rapaiz por ser umas ovelha e reza prum Deus cristão que não ajudava nada eles. Ele dizia pra eles que conhecia uns cara que rezava pra uns deus que dava mesmo o que a gente precisava e que, se um bando de home apoiasse ele, talvez pudesse ganha certos pode para trazê uma montoeira de peixe e um montão de oro. É craro que os que servia na Sumatra Queen e tinha visto a ilha sabia o que ele quiria dizê, e não estava lá muito ansioso pra chega perto das coisas do mar, tar como eles tinha ouvido falá, mas os que não sabia do que se tratava ficaro balançado pelo que Obed tinha pra dizê e começar a pergunta pra ele o que que ele podia fazê para coloca eles

no caminho da fé, para trazê fartura pra eles”.

Neste ponto o velho vacilou, resmungou e mergulhou em um silêncio soturno e apreensivo, olhando com nervosismo por cima do ombro e depois voltando a fitar, como que fascinado, o recife negro distante. Quando lhe falei, ele não respondeu, deixando claro que eu teria que o deixar terminar a garrafa. A narração maluca que eu estava ouvindo me interessava muito, pois imaginava que seria algum tipo de alegoria tosca baseada na estranheza de Innsmouth, elaborada por uma imaginação ao mesmo tempo criativa e repleta de fragmentos de lendas exóticas. Nem por um instante acreditei que o relato tivesse a menor base material, mas ainda assim ele tinha um laivo de genuíno horror porque trazia referências às jóias estranhas com certeza relacionadas à tiara maléfica que eu havia visto em Newburyport. Talvez os ornatos tivessem vindo, afinal, de alguma ilha estrangeira, e era bem possível que as histórias alucinadas fossem mentiras do próprio Obed e não daquele velho beberrão.

Estendi a garrafa a Zadok, que a secou até a última gota. Era estranho como ele podia agüentar tanto uísque sem o menor traço de rouquidão na voz alta e esganiçada. Ele lambeu a boca da garrafa, enfiou-a no bolso e começou a balançar o corpo e murmurar para si mesmo. Inclinando-me para captar alguma palavra articulada que ele pudesse pronunciar, pensei ter visto um sorriso sardônico por baixo da barba hirsuta. Sim, ele estava mesmo articulando palavras e eu pude captar uma boa parte delas.

“Pobre Matt... Matt ele estava sempre contra... Tentou alinha os rapaiz do seu lado e tinha longas

conversa com os pregado... Não adianta..., eles correu com o pasto congregacionar da cidade e o colega metodista se mando... Nunca mais vi Resolved Babcock, o pasto batista... Ira de Jeová... Eu era uma criaturinha de nada, mas ovi o que ovi e vi o que vi... Dagon e Ashtoreth... Belial e Belzebu... Bezerro de Ouro e os ídolo de Canaã e dos Filisteus... Abominações babilônicas... Mene, mene, tekel, upharsin...”

Ele parou de novo e, pela aparência de seus olhos azuis aquosos, temi que estivesse à beira do estupor. Mas, quando eu toquei de leve em seu ombro, virouse para mim com espantosa vivacidade e disparou mais algumas frases obscuras.

“Não me acredita, hein? Eh, eh, eh... Então só me diga, rapazinho, por que o capitão Obed e vinte outros rapaiz costumava rema inté o Devil Reef na calada da noite e cantá umas coisas tão alto, que dava pra ouvi elas toda na cidade quando o vento tava de jeito? Me diga, hein? E me diga por que o Obed tava sempre jogando umas coisa pesada na água profunda do outro lado do recife onde o fundo desce como um penhasco mais fundo do que dá pra sondá? Me diga o que ele fez com aquele bejeto de chumbo de forma estranha que Walakea deu pra ele? Hein, menino? E o que eles todos uivava na véspera de 1º de maio e de novo no Halloween seguinte? E por que os padre da nova igreja, uns cara acostumado de sê marinheiro, vestia aqueles manto estranho e se cobria com aquelas coisas parecida com ouro que Obed trazia? Hein?”

Os olhos azuis aquosos estavam quase alucinados e selvagens, e a barba branca suja parecia eriçada por uma corrente elétrica. É provável que o velho Zadok

tenha me visto fazer um gesto de recuo, porque soltou uma casquinada maligna.

“Eh, eh, eh, eh! Começano a vê, hein? Tarvez cê quisesse ser eu naqueles tempo, quando eu via coisas à noite no mar, da cúpula de minha casa. Ó, posso te dizê que os moleque tem ovidos grande, e eu não tava perdendo nada do que era fofocado sobre o cap’ção Obed e os rapaiz lá no recife! Eh, eh, eh! E que tar a noite que eu levei a luneta do barco do meu pai pra cúpula e vi o recife coalhado de vurtos que mergulho assim que a Lua subiu? Obed e os rapaiz tava num barquinho a remo, mas aí os vurto megulhô do lado da água profunda e não reapareceu... Que qui se acha de sê um moleque sozinho numa cúpula olhano formas que não eram humanas!... Hein?... Eh, eh, eh...”

O velho estava ficando histérico e eu comecei a tremer, tomado por uma ansiedade indefinível. Ele pousou uma garra no meu ombro e a maneira como o apertava não me pareceu muito amistosa.

“Magine que uma noite ocê visse alguma coisa pesada pairando sobre o bote do Obed além do recife e depois sobesse no dia seguinte que um rapazinho tinha sumido de casa. Ei! Arguém viu sinal de Hiram Gilman? Viu? E de Nick Pierce, e Luelly Waite, e Adoniram Saouthwick, e Henry Garrison? Ei? Eh, eh, eh, eh... Vurtos usano a language das mão..., aqueles com mãos enrolada...”

“Bein, seu, foi nesse tempo que Obed começo a ficá de pé de novo. As pessoa via suas treis filha usando coisas parecida com oro como nunca não tinha visto, e começo a sair fumaça da chuminé da refinaria. Outras gente tava prosperano também... Começou a dá peixe pra

valê no porto, pronto para mata, e Deus sabe o tamanho das carga que nós começamo a mandar pra Newsbury, Arkham e Boston. Foi aí que o Obed conserto o velho ramá ferroviário. Uns pescado de Kingsport ouviu falá da peixama e veio numa chalupa, mas eles todos se perdeu. Nunca ninguém viu mais eles. E bem aí nossos rapaiz organizo a Orde Esotérica de Dagon e compro a Casa Maçônica da Loja do Calvário pra ela... eh, eh, eh! Matt Eliot era um mação e não queria vende, mas ele sumiu de vista desd'aquela época”.

“Lembre, não esto dizeno que Obed estava decidido a deixa as coisa tar como elas era naquela ilha dos canaca. Num acho que no começo ele quiria fazer quarqué mistura, nem criar nenhum minino para levar pra água e virá peixe com vida eterna. Ele quiria as coisas de oro e tava disposto a pagá caro, e acho que os otro ficaro sastisfeito por um tempo...”

“Lá por quarenta e seis, a cidade fez umas investigação por conta própria. Muita gente sumida..., muita pregação maluca nas reunião de domingo..., muito falatório sobre aquele recife. Acho que eu ajudei contano por Selectman Mowry o que eu tinha visto lá da cúpula. Teve um grupo uma noite que seguiu a turma do Obed até o recife, e eu ouvi uns tiro entre os barco. No dia seguinte, Obed e mais vinte dois tava na cadeia, e todo mundo fico pensando o que tava aconteceno e que tipo de acusação iam fazê contra ele. Deus, se alguém olhasse pra frente... umas duas semanas depois, sem nada ser jogado no mar esse tempo todo...”

Zadok estava dando sinais de medo e exaustão, e deixei-o ficar em silêncio alguns instantes, mas olhando apreensivo para o relógio. Com a virada da maré, o mar

estava subindo e o som das ondas pareceu desperta-lo. Recebi com satisfação a virada, pois, com a elevação da água, o fedor de peixe não seria tão ruim. Mais uma vez me esforcei para captar os murmúrios do velho.

“Aquela noite horríver... eu vi eles. Eu tava na cúpula..., montes deles..., um enxame deles... sobre todo o recife e nadano pela enseada para Manuxet... Deus, o que aconteceu nas ruas de Innsmouth naquela noite... Eles chacoalharo nossa porta, mas o pai num abriu... Depois ele saltou pela janela da cozinha com seu trabuco atrais de Selecman Mowry pra vê o que ele podia fazê... Murmúrios dos morto e moribundo..., tiros e gritaria..., gritos na 01'Square, e na Town Square e no New Church Green... abriro a cadeia..., proclamação... traição... dissero qui era de peste quando os caras veio e viram metadi de nossa gente sumida... Ninguém não tinha sobrado, fora os que tava com Obed e as coisas, ou ficô quieto... nunca mais que eu sube do meu pai...”

O velho estava ofegante e suava copiosamente. Seu aperto em meu ombro aumentou.

“Tava tudo limpo pela manhã..., mas tinha traços... Obed meio que tomo conta e diz que as coisas vão mudá... Otros vai participa co'a gente na congregação, e umas casa vai tê que recebe hóspede... Eles queria mistura como fez com os canaca, e ele não tava a fim de impedi. Foi longe, o Obed...; como um maluco no assunto. Ele diz que eles nos traiz peixe e tesoro e devia de tê o que eles quisesse depois...”

“Nada devia de ser diferente do lado de fora, só que nós tinha que mantê segredo dos estrangeiro se nós sabia o que era bom pra nós. Nois todos tinha que fazer o Juramento de Dagon, e depois teve um segundo e

terceiro juramento que alguns de nós fiz. Aqueles que ajudasse mais ia recebe prêmios especiais... muito ouro. Não adiantava xixi, pois tinha um milhão deles por lá. Eles não queriam subir e acabar com a raça humana, mas, se fosse traído e obrigado, eles poderiam fazer um monte nesse sentido. Nós não tínhamos aqueles velhos amuletos para liquidar eles como as gentes do Sul faziam, e aqueles canacas nunca entregavam os seus segredos”.

“Fazem bastantes sacrifícios, e bugigangas servem, e abrigos na cidade quando eles quiserem, e eles deixariam muitos em paz. Não ia perturbar nenhum estrangeiro que pudesse ir contar história lá fora..., isto é, se eles não começassem a espionar. Todos no bando dos fiéis... da Ordem de Dagon..., e as crianças nunca não iam morrer, mas iam voltar para Mãe Hydra e o Pai Dagon de onde tudo nós veio... Ia! Ia! Cthulhu fhtagn! Ph'nglui mglw'nafh Cthulhu R'yleh wgahnaglftaga...”

O velho Zadok estava rapidamente mergulhando em completo desvario e eu contive a respiração. Pobre alma — a que deploráveis profundezas de alucinação a bebida, o ódio à decadência, à alienação e à morbidez que o cercavam levaram aquele cérebro fértil e imaginativo! Ele pôs-se então a resmungar, e as lágrimas rolavam pelas faces vincadas para os recessos de sua barba.

“Deus, o que eu não vi desde que eu tinha quinze anos... Mene, mene, tekel, upharsin!... Os rapazes que tinham sumido e os que se mataram..., os que contavam as coisas em Arkham ou Ipswich, ou por aí, foi tudo chamado de louco, como você tá me chamando bem agora... Mas Deus, o que eu vi... Eles já tinham me matado tem muito tempo pelo que eu sei, só que eu fiz o primeiro e o segundo Juramento de Dagon para o Obed, por isso era

protegido, a menos que um juri deles prova que eu contei coisas sabendo e por querê... Mas não ia fazê o terceiro Juramento..., prefíria morre a fazê isso...

“Acho que foi no tempo da guerra civir, quando as criança nascida em quarenta e seis começo a cresce... Argumas delas, qué dizê. Eu fiquei cum medo..., nunca fiz mais nenhuma reza dispois daquela noite horrivere nunca vi uma... delas... de perto em toda minha vida. Qué dizê, nunca nenhuma de sangue com preto. Eu fui pra guerra e, si eu tivesse corage e boa cabeça, nunca que tinha vortado, mas me arranchava fora daqui. Mas os rapaiz me escreveu que as coisa num tava tão mar. Acho que eles feiz isso porque os home de alistamento do governo tava na cidade dispois de sesseta e treis. Dispois da guerra, fico tudo iguar de ruim de novo. As pessoa começaro a caí fora..., as usinas e as lojas fecharo..., a navegação paro e o porto intupio..., ferrovia desistiu..., mas elis... elis nunca pararo de nadá pra cima e pra baixo do riu vindo daquele mardito arrecife de Satã... E mais e mais janela de sóto era fechada com tábua, e mais e mais baruio era orvido nas casa que num divia tê ninguém dentro delas...”

“Os rapaiz de fora tem suas história de nós... Achu qui ocê orviu um monti delas, pelo jeito das pergunta que ocê faiz... História sobre coisas qui elas viu uma veiz o outra e sobre aquelas jóia estranha que ainda chega de argum lugá e não é toda derretida... Mas nada nunca não fica definido. Ninguém vai credita em nada. Eles chama elas de coisas que parece oro de rôbo de pirata e diz que os rapaiz de Insmouth tem sangue estranja ou distemperado, ou coisa assim. Alinhais, os que vive aqui espanta todos os estranja que pode e

encoraja o resto a num ficá muito curioso, especiariamente de noite. Os animar late pr'as criatura..., cavalo não é burro..., mas quano eles tava de auto, tudo bem”.

“Em quarenta e seis, o cap'tão Obed arranjo uma segunda mulher que ninguém na cidade nunca não viu... Uns diz que ele não queria, mas foi obrigado por aqueles que ele tinha invocado... Teve treis filho dela..., dois desapareceu novo, mas uma menina parecida com ninguém e que foi educada na Oropa. Obed acabo casano ela, usando um truque, com um cara de Arkham que num suspeitava de nada. Mas ninguém de fora tem nada a vê com os rapaiz de Insmouth agora. Barnabas Marsh, que dirige a refinaria agora, é neto do Obed com sua primera mulhé..., fio de Onesiforus, seu fio mais veio, mas a mãe deli era outra das que nunca não era vista fora de casa”.

“Agora Barnabas tá mudado. Num pode mais fecha os oio e tá tudo deformado. Diz que ele ainda usa ropas, mas ele vai logo i pra água. Tarvez ele até já tento... eles as veiz entram nela por argum tempo antes de i pra sempre. Ninguém não viu ele em púbrico faz uns nove, deiz ano. Num sei comu a gente de sua pobre mulhé se sente... Ela veio de Ipswich, e quase lincharo Barnabas quano ele namoro ela faz uns bão cinqüenta anos atrais. Obed morreu com setenta e oito, e toda a geração seguinte já se foi... Os fio da primera muié tá morto, e o resto... Deus sabe...”

O som da maré enchente era muito insistente naquele momento e pouco a pouco parecia ir mudando o estado de espírito do ancião do sentimentalismo ébrio para uma vigília assustada. Ele parava de vez em quando renovando aqueles olhares ansiosos por sobre o ombro

ou na direção do recife e, apesar do caráter absurdo e alucinado de sua narrativa, comecei a partilhar um pouco daquela vaga apreensão. A voz de Zadok foi ficando mais esganiçada, como se ele tentasse incitar a própria coragem falando mais alto.

“Ei, ocê, ocê num diz nada? Que qui se achava de vive numa cidade como essa, com tudo apodreceno e morreno, e os monstro trancado se arrastano, e berrano, e latino, e sartando pra todo lado nos porão e sôtão escuro? Hein? Que qui se achava de ouvi os uivo noite dispois de noite saíno das igreja e da Casa da Orde de Dagon, e sabe u que qui táfazeno parte dos uivado? Que qui se achava de escuitá o que vem daquele horríver arrecife toda véspra de 1° de maio e de Hallowin? Hein? Acha quo o veio tá loco, é? Bein, seu, pois vô lhe dizê que isso num é o pió!”

Zadok estava falando aos gritos agora, e a exaltação enfurecida de sua voz me perturbou mais do que eu gostaria de confessar.

“Mardito, num põe esse oiá em mim cum esses óio... Eu digo qui Obed Marsh tá no inferno, e é lá que ele tein que ficá! Eh, eh... no inferno, eu diz! Ele num pode me levá... eu num fiz nada nem disse nada p’ra ninguém...”

“Ó, ocê, rapaizinho? Bein, mesmo qui eu nunca não contei nada pra ninguém, vô conta agora! Cê fique aí sentado quieto e me escuite, guri... Isto é o que eu nunca contei pra ninguém... eu diz, eu nunca não saí mais bisbiotano desdi aquela noite..., mas eu discubri umas coisas do mesmo jeito!”

“Ocê qué sabe como é u horrô de verdade, qué? Bein, ele... ele num é o que aqueles diabo pexe feiz, mas o

que elis vai fazê! Eles tá trazeno coisas lá de onde eles vem aqui pra cidade... Veim fazeno isso faz alguns ano, e urtivelmente mais devagá. As casa do norte du rio entre a Water e a Main Street tão cheia deles..., os diabo i u qui elis traiz... e, quano eles tive pronto..., eu digo, quano elis tive pronto..., já escuitô falá de um Shoggoth?"

"Hein, tá me ovino? Vou te dizê, eu sei como as coisa é..., vi elas uma noite quando... ehahhhah! e'yahhh..."

A inesperada repulsa e o horror inumano do uivo que o velho soltou quase me fizeram desmaiar. Seus olhos, fitando atrás de mim o mar malcheiroso, estavam literalmente saltando de sua cabeça, e o seu rosto era uma máscara de pavor digna de uma tragédia grega. A mão ossuda crispou-se com força em meu ombro, e ele não ficou imóvel quando virei a cabeça para ver o que ele poderia ter avistado.

Não havia nada que eu pudesse ver. Só a maré enchente com uma série de ondulações mais próxima, talvez, que a linha extensa da arrebentação. Mas Zadok começou a me chacoalhar, e eu me virei para observar aquele rosto transido de pavor desmanchar-se em um caos de pálpebras contraindo-se e gengivas mastigando as palavras. A voz enfim lhe voltou em um sussurro trêmulo.

"Cai fora daqui! Cai fora daqui! Eles viu nós... Cai fora, por sua vida! Não espera por nada... Agora elis sabe... Foge... depressa... pra longe dessa cidade..."

Outra onda grande quebrou-se contra a alvenaria solta do antigo cais, transformando o sussurro do louco ancião em um novo grito inumano de gelar o sangue:

"Eyaahhh!... yhaaaaaa!"

Antes que eu pudesse recuperar o prumo, ele havia soltado meu ombro e disparava à toda para o norte, aos tropeções, na direção da rua, contornando a parede em ruínas da doca.

Olhei de novo para o mar, mas não havia nada visível. Quando alcancei a Water Street e olhei para o norte, não avistei o menor traço de Zadok Allen.

IV

Mal consigo descrever o estado de espírito em que esse episódio horrível me deixou — um episódio ao mesmo tempo maluco e deplorável, grotesco e aterrorizador. O rapaz da venda havia-me preparado para aquilo, mas a realidade me deixara estarecido e perturbado. Por mais pueril que fosse o relato, o horror e a franqueza de louco do velho Zadok me contagiaram com uma crescente inquietação que se foi somar ao meu sentimento anterior de aversão pela cidade e sua intangível sombra de malefício.

Mais tarde, eu poderia esmiuçar o relato e extrair alguma base de alegoria histórica. Naquele momento, tudo que eu desejava era tira-lo da minha cabeça. A hora fizera-se perigosamente tarde — meu relógio indicava sete e quinze e o ônibus para Arkham sairia da Town Square às oito — por isso tentei concentrar meus pensamentos em questões neutras e práticas enquanto caminhava apressado pelas ruas desertas com suas casas inclinadas e telhados esburacados para o hotel, onde havia guardado a valise e tomaria o ônibus.

A luz dourada do entardecer emprestava aos velhos telhados e decrépitas chaminés uma aura de paz e

misticismo, mas isso não me impedia de olhar por cima do ombro de tempos em tempos. Eu ficaria bem contente de sair da fedorenta e assombrada Innsmouth e gostaria que houvesse algum outro meio além do ônibus conduzido pelo sinistro Sargent. Mesmo assim, não me apressei demais, porque havia detalhes arquitetônicos dignos de ver em cada canto silencioso e, tal como havia calculado, eu poderia cobrir a distância necessária em meia hora.

Estudando o mapa do rapaz da venda e procurando um itinerário que ainda não houvesse percorrido, escolhi a Marsh Street em vez da State para chegar à Town Square. Perto da esquina da Fali Street, comecei a ver grupos esparsos de pessoas furtivas murmurando e, quando enfim cheguei à praça, notei que quase todos os ociosos estavam reunidos em frente à Gilman House. Tive a sensação de que muitos olhos aquosos, escancarados, me observavam curiosos, sem piscar, enquanto eu pedia minha valise no saguão e torci para que nenhuma daquelas criaturas abjetas me fizesse companhia no ônibus.

O ônibus chegou sacolejando com três passageiros, mais cedo que o esperado, um pouco antes das oito, e um sujeito de má catadura na calçada murmurou algumas palavras indistintas para o motorista. Sargent lançou para fora um saco do correio e um fardo de jornais e entrou no hotel, enquanto os passageiros – os mesmos que eu tinha visto chegando em Newburyport naquela manhã – saíram cambaleando para a calçada e trocaram algumas palavras guturais, em voz baixa, com um dos ociosos, em uma língua que eu poderia jurar que não era inglês. Subi no ônibus vazio e ocupei o mesmo assento da

vinda.

Mal eu havia me acomodado, porém, Sargent reapareceu e começou a resmungar em uma voz roufenha e repulsiva ao extremo.

Ao que tudo indicava, eu estava com muito azar. Havia alguma coisa errada com o motor, apesar do excelente tempo feito desde Newburyport, o ônibus não poderia completar a jornada até Arkham. Não, ele não poderia ser concertado naquela noite, nem havia outro meio de transporte para sair de Innsmouth, fosse para Arkham, fosse para qualquer outro lugar. Sargent sentia muito, mas eu teria de pousar no Gilman. O funcionário com certeza me faria um preço camarada, mas não havia mais nada a fazer. Quase paralisado pelo súbito obstáculo e apavorado com a idéia da chegada da noite naquela cidade decrépita e mal iluminada, desci do ônibus e tornei a entrar no saguão do hotel, onde o mal-humorado e estranho atendente noturno me informou que eu poderia ficar com o quarto 428 perto do último andar — grande, mas sem água corrente — por um dólar.

Apesar do que tinha ouvido sobre aquele hotel em Newburyport, assinei o registro, paguei o dólar, deixei o funcionário pegar a minha valise e acompanhei aquele atendente azedo e solitário por três lances de degraus rangendo e corredores empoeirados que não pareciam abrigar ninguém. Meu aposento, um quarto sombrio de fundo com duas janelas e a mobília esparsa e barata, dava para um pátio esqualido cercado de casas de tijolos baixas e desertas e propiciava uma visão dos telhados decrépitos estendendo-se para o oeste e para os terrenos pantanosos à distância. No fim do corredor, ficava um banheiro — uma relíquia em estado lastimável com uma

pia de mármore ancestral, banheira de estanho, luz elétrica fraca e painéis de madeira mofados rodeando os encanamentos.

Como o dia ainda estava claro, desci para a praça e procurei um lugar para jantar, notando, enquanto o fazia, os olhares estranhos que os mal-encarados vagabundos me atiravam. Como o armazém estava fechado, fui obrigado a escolher o restaurante que antes havia evitado, atendido por um homem encurvado de cabeça estreita e olhos fixos e arregalados e uma moça de nariz achatado com mãos enormes e desajeitadas. A comida era toda do tipo de balcão, e fiquei aliviado em saber que a maior parte saía de latas e pacotes. Uma sopa de legumes com torradas me bastou, e tratei de voltar logo em seguida para o meu quarto soturno no Gilman, tendo conseguido um jornal vespertino e uma revista suja de mosca com o funcionário de má catadura que os apanhou em uma estante bamba ao lado de sua escrivaninha.

Quando a escuridão adensou-se, acendi a fraca lâmpada acima da cama barata de ferro e foi só com grande esforço que continuei lendo o que havia começado. Achei aconselhável manter a cabeça ocupada para não ficar pensando nas aberrações daquela antiga e agourenta cidade enquanto estivesse dentro de seus limites. As maluquices inventadas que eu ouvira do velho beberrão não prometiam sonhos muito agradáveis e senti que devia manter o mais longe possível da lembrança a imagem de seus alucinados olhos aquosos.

Também não conviria me deter no que o inspetor de fábrica havia contado ao bilheteiro de Newburyport sobre o Gilman House e as vozes de seus ocupantes noturnos — não nisso, nem no rosto por baixo da tiara na

galeria da igreja escura, o rosto cujo horror minha inteligência não conseguia explicar. Talvez tivesse sido mais fácil manter os pensamentos longe de tópicos perturbadores se o quarto não estivesse tão mofado. Do jeito que era, o bolor letal misturava-se de maneira repulsiva com a catanga geral de peixe da cidade, conduzindo a imaginação de qualquer pessoa para pensamentos de putrefação e morte.

Outro elemento perturbador era a inexistência de um ferrolho na porta do quarto. As marcas mostravam com nitidez que ali houvera um anteriormente, mas havia sinais de que fora removido havia pouco tempo. Por certo ele teria-se deteriorado como muitas outras coisas naquele edifício decrépito. Em meu nervosismo, corri os olhos em volta e descobri um ferrolho no guarda-roupas que, a julgar pelas marcas, parecia do mesmo tamanho do que estivera antes na porta. Para aplacar um pouco meu nervosismo, tratei de mudar aquela ferragem para o lugar vago com a ajuda de uma providencial ferramenta três-em-um com chave de fenda que eu trazia sempre presa em meu chaveiro. O ferrolho encaixou-se com perfeição e fiquei mais tranqüilo quando percebi que conseguiria fecha-lo com firmeza antes de me recolher. Não que eu tivesse alguma consciência real de sua necessidade, mas qualquer símbolo de segurança seria bem-vindo em um ambiente daqueles. Havia parafusos adequados nas duas portas laterais que davam para os quartos adjacentes e usei-os para fixar o ferrolho.

Não tirei a roupa e resolvi ficar lendo até o sono baixar e então me deitar tirando apenas o casaco, o colarinho e os sapatos. Tirei uma lanterna portátil da valise e coloquei-a no bolso da calça para saber as horas

se acordasse, mais tarde, no escuro. O sono, porém, não chegava e, quando parei de analisar meus pensamentos, notei, para minha inquietude, que estava de fato ouvindo alguma coisa sem perceber — alguma coisa que me apavorava, mas não conseguia nomear. Aquela história do inspetor havia penetrado mais fundo do que eu suspeitara em minha imaginação. Tentei retomar a leitura, mas não conseguia fazer nenhum progresso.

Alguns instantes depois, pareceu-me ouvir passos regulares fazendo ranger as escadas e os corredores. Não se ouviram vozes, porém, e me pareceu que havia alguma coisa furtiva naqueles passos. Aquilo me deixou apreensivo e fiquei em dúvida se devia mesmo tentar dormir. Aquela cidade tinha uma gente muito estranha e era certo que haviam constatado vários desaparecimentos. Seria essa uma daquelas pousadas onde os viajantes são mortos para serem roubados? A verdade é que eu não tinha lá um ar de grande prosperidade. Ou será que os moradores ficavam muito ressabiados com visitantes enxeridos? Será que as minhas visíveis excursões turísticas e as consultas constantes ao mapa teriam provocado comentários desfavoráveis? Ocorreu-me que eu devia estar em estado de grande nervosismo para deixar que uns rangidos aleatórios me provocassem tais especulações —, mas lamentei, mesmo assim, não estar armado.

Por fim, sentindo uma fadiga que não tinha nada de sonolência, aferrolhei a porta para o corredor recém-equipada, apaguei a luz e me atirei na cama dura e irregular — de casaco, colarinho, sapatos, tudo. Na escuridão, os ruídos mais tênues da noite pareciam amplificados e uma torrente de pensamentos duplamente

desagradáveis me acometeu. Lamentei ter apagado a luz, mas estava cansado demais para me levantar e acende-la de novo. Então, depois de um longo e terrível intervalo, e precedido por novos rangidos na escada e no corredor, ouvi o ruído débil e inconfundível que parecia a maléfica realização de meus temores. Sem a menor sombra de dúvida, a fechadura da minha porta havia sido testada — de maneira cautelosa, furtiva, tentativa — com uma chave.

Minhas sensações, depois de identificar aquele indício de perigo real, talvez não tenham sido mais tumultuadas por causa dos vagos temores que já me acometiam. Eu estava, sem motivo definido, por instinto, em guarda — e isto me valeu na crise nova e real, qualquer que ela viesse a ser. Mas a mudança da ameaça, de vaga premonição para uma realidade imediata, foi um choque que se abateu sobre mim com a força de um verdadeiro golpe. Em nenhum momento me ocorreu que aquela experimentação da fechadura pudesse ser um mero engano. Propósito maléfico era tudo que eu podia pensar e me conservei em absoluto silêncio esperando pelo próximo movimento do intruso.

Depois de algum tempo, os estalidos cautelosos cessaram e eu ouvi entrarem no quarto ao norte do meu com uma chave mestra. Depois, a fechadura da porta de ligação com o meu quarto foi testada com cautela. O ferrolho agüentou e eu pude escutar o assoalho ranger quando o intruso saiu do quarto. Pouco depois, ouvi novo estalido suave e percebi que o quarto ao sul do meu havia sido invadido. De novo, uma furtiva tentativa na porta de ligação aferrolhada e de novo os rangidos de alguém que se afasta. Desta vez, os rangidos

prosseguiram pelo corredor e escada abaixo, e notei que o intruso percebera que as minhas portas estavam aferrolhadas e estava desistindo de sua tentativa, ao menos por algum tempo, como o futuro iria revelar.

A presteza com que arquitetei um plano de ação prova que, em meu subconsciente, eu devia estar, havia muito, temendo alguma ameaça e avaliando meios possíveis de fuga. Desde o início eu sentira que o intruso invisível representava um perigo do qual não me deveria aproximar e encarar, mas apenas fugir a toda pressa. A única coisa que eu tinha a fazer era escapar daquele hotel com vida o mais depressa possível e por algum caminho que não fosse a escada principal e o saguão.

Erguendo-me devagar, dirigi o facho da lanterna para o comutador e procurei acender a luz sobre a cama para poder escolher e colocar no bolso alguns objetos para uma fuga rápida sem a valise. Nada aconteceu, porém, e percebi que haviam cortado a força. Alguma mobilização secreta e maligna estava decerto em curso em larga escala — o que era, eu não saberia dizer. Enquanto estava ali parado, meditando, com a mão sobre o inútil comutador, ouvi um rangido abafado no andar de baixo e pensei ter distinguido vagamente algumas vozes conversando. Um instante depois, senti-me menos seguro de que os sons mais guturais fossem vozes, pois os aparentes latidos roucos e grasnidos mal articulados guardavam pouquíssima semelhança com a fala humana. Então eu me recordei com renovada intensidade o que o inspetor de fábrica tinha escutado à noite naquele edifício mofado e pestilento.

Depois de abastecer os bolsos com a ajuda da lanterna, vesti o chapéu e fui na ponta dos pés até a

janela para avaliar minhas chances de descida. A despeito das normas estaduais, não havia escada de incêndio daquele lado do hotel, e percebi que uma distância perpendicular de três andares separava minha janela do pátio calçado de pedras. À direita e à esquerda, porém, uns velhos edifícios comerciais de tijolo ficavam encostados ao hotel e seus telhados oblíquos chegavam a uma distância de salto razoável do quarto andar em que eu estava. Para alcançar qualquer uma dessas filas de prédios, eu teria de estar em um quarto a duas portas do meu – em um dos casos, para o norte, no outro, para o sul – e pus minha imaginação para trabalhar prontamente calculando as chances que eu teria de me transferir para um deles.

Decidi que não poderia arriscar um aparecimento no corredor, onde meus passos por certo seriam escutados e as dificuldades de acesso ao quarto desejado seriam insuperáveis.

Meu avanço, se o conseguiria, teria de ser através das portas de ligação menos sólidas que separavam os quartos, cujos trincos e ferrolhos eu teria de forçar, usando o ombro como aríete quando fosse necessário. Achei que isso seria possível pelo estado lastimável da casa e de suas ferragens, mas percebi que não poderia fazê-lo sem barulho. Teria de contar com uma ação velocíssima e a chance de alcançar uma janela antes que alguma força hostil coordenasse-se o suficiente para abrir a porta apropriada até mim com uma chave mestra. Tratei então de empurrar a escrivaninha para escorar a porta de meu quarto para o corredor – pouco a pouco, para fazer o mínimo de ruído.

Era evidente que minhas chances eram muito

escassas e eu estava preparado para qualquer calamidade. O simples fato de alcançar outro telhado não resolveria o problema, pois ainda me restaria a tarefa de ganhar o chão e fugir da cidade. Uma coisa a meu favor era a condição arruinada e deserta das construções adjacentes e o número de clarabóias escuras escancaradas de cada lado.

Deduzindo a partir do mapa do rapaz da venda que o melhor caminho para sair da cidade era para o sul, olhei primeiro para a porta de ligação com o quarto do lado sul. Ela abria-se para dentro do meu quarto, porém, e pude perceber — depois de correr o ferrolho e descobrir que havia outras trancas fechadas — que não era favorável para ser arrombada. Abandonando-a como caminho de saída, empurrei com cuidado a armação da cama até encostar nela para impedir algum ataque que pudesse vir do quarto ao lado. A porta de ligação com o quarto do norte abria para o outro lado e eu percebi — embora um teste me informasse que ela estava trancada ou aferrolhada do outro lado — que minha evasão teria de ser por ali. Se eu pudesse alcançar os telhados dos prédios da Paine Street e descer até o chão, talvez pudesse disparar pelos pátios e as construções adjacentes ou opostas até a Washington ou a Bates — ou então emergir na Paine e contornar para o sul até a Washington. De qualquer forma, eu tentaria alcançar, de algum jeito, a Washington e fugir à toda da região da Town Square. Minha preferência era evitar a Paine, já que o posto do Corpo de Bombeiros poderia ficar aberto a noite toda.

Enquanto meditava sobre essas coisas, olhei para fora, para o oceano esquelético de telhados em ruínas,

agora abrihantado pelos raios da Lua que começava a minguar. À direita, a fenda escura da garganta do rio cortava a paisagem: fábricas desertas e estação de trem pendendo-se como cracas para os lados. Além delas, a ferrovia enferrujada e a estrada Rowley estendiam-se por um terreno plano e pantanoso pontilhado de ilhotas de terreno mais alto e mais seco coberto de arbustos. À esquerda, o interior sulcado de córregos ficava mais perto, com a estreita estrada para Ipswich cintilando esbranquiçada ao luar. Do lado do hotel onde eu estava, não podia avistar a estrada para o sul, para Arkham, que pretendia tomar.

Eu estava especulando, indeciso, sobre o melhor momento de atacar a porta do norte e como fazê-lo com o menor ruído possível quando percebi que os ruídos indistintos em baixo haviam dado lugar a um novo e mais forte ranger das escadas. Uma luz bruxuleante filtrou pelas frestas da porta e as tábuas do assoalho do corredor começaram a gemer sob um peso considerável. Sons abafados de origem aparentemente vocal aproximaram-se, até que alguém bateu com força na porta do meu quarto.

Por um instante, eu apenas contive a respiração e esperei. Uma eternidade pareceu escoar e o fedor repulsivo de peixe pareceu crescer de maneira repentina e espetacular. Depois repetiram a batida — de maneira ritmada e com crescente insistência. Eu sabia que o momento de agir havia chegado e soltei o ferrolho da porta de ligação do norte, preparando-me para a tentativa de arrombamento. As batidas foram ficando mais fortes, aumentando minha esperança de que sua altura pudesse encobrir o barulho de meus esforços.

Empreendendo, enfim, a minha tentativa, joguei-me várias vezes com o ombro esquerdo contra os painéis da porta sem me importar com o choque ou a dor. A porta resistiu mais do que eu esperava, mas não desisti. Entrementes, o alarido na porta do corredor ia aumentando sem parar.

Finalmente, a porta de ligação cedeu, mas com tal estrondo, que tive a certeza que os de fora teriam escutado. No mesmo instante, as batidas na porta transformaram-se em uma agressão violenta, enquanto chaves soavam ameaçadoras nas portas para o corredor dos quartos dos dois lados de onde eu estava. Correndo pela passagem recém-aberta, consegui aferrolhar a porta do corredor do quarto do norte antes que a fechadura fosse aberta, mas, enquanto fazia isto, pude ouvir a porta do corredor do terceiro quarto — aquele de cuja janela eu esperava atingir o telhado abaixo — ser experimentada com uma chave mestra.

Por um momento, meu desespero foi total, pois me pareceu inevitável que eu seria apanhado em um quarto sem janelas para o exterior. Uma onda de terror quase anormal me percorreu, investindo de uma singularidade terrível mas inexplicável as pegadas deixadas no pó pelo intruso que havia tentado abrir a porta para o meu quarto, que vislumbrei sob o facho da lanterna. Depois, agindo com pasmo automatismo que persistiu apesar do caráter insustentável de minha situação, avancei para a porta de conexão seguinte e fiz o movimento cego de empurra-la no esforço para a transpor e — imaginando que as trancas estivessem providencialmente intactas como as deste segundo quarto — aferrolhar a porta do corredor antes que a fechadura fosse aberta por fora.

Uma sorte absoluta adiou a minha sentença, pois a porta de ligação à minha frente não só estava destrancada como, de fato, entreaberta. Em um segundo eu cruzei por ela e meti o joelho direito e o ombro contra a porta do corredor que estava sendo aberta para dentro. A pressão que eu fiz pegou o invasor de surpresa, pois a porta fechou com o empurrão, permitindo que eu corresse o ferrolho bem conservado como fizera na outra porta.

Enquanto conquistava esse alívio temporário, ouvi quando as batidas nas outras duas portas cessaram e um alarido confuso erguia-se à porta que eu havia escorado com a cama. Com toda certeza, o grosso de meus atacantes havia entrado no quarto do lado sul e estava-se juntando para um ataque lateral. No mesmo instante, uma chave mestra fez-se ouvir na porta seguinte ao norte, e eu percebi que havia um perigo mais próximo.

A porta de ligação do lado norte estava escancarada, mas não dava tempo para pensar em verificar a fechadura que já estava sendo virada do corredor. Tudo que eu podia fazer era fechar e aferrolhar a porta de conexão aberta bem como a sua irmã do lado oposto — empurrando uma cama contra a primeira e uma escrivaninha contra a outra e deslocando um lavatório para diante da porta do corredor. Eu teria de confiar naqueles obstáculos improvisados para me proteger até alcançar a janela e o telhado sobre a casa da Paine Street. Mas, mesmo naquele momento crítico, meu maior horror era algo diferente da fraqueza imediata de minhas defesas. Eu estava tremendo, porque nenhum de meus perseguidores, a despeito de alguns arquejos, grunhidos e uivos contidos e repulsivos em intervalos

irregulares, emitia algum som vocal inteligível ou não abafado.

Enquanto eu arrastava os móveis e corria para a janela, ouvi uma correria assustada pelo corredor até o quarto ao norte do que eu ocupava e percebi que as batidas do lado sul haviam cessado. Estava evidente que a maioria dos meus inimigos pretendia concentrar-se na frágil porta de ligação que sabidamente se abriria bem onde eu estava. Lá fora, a Lua brincava sobre o espigão do prédio abaixo e eu pude perceber que a inclinação da superfície onde eu devia pousar tornaria o salto muito perigoso.

Pesando as condições, escolhi para escapar a janela mais ao sul das duas, planejando pousar no declive interno do telhado e alcançar a clarabóia mais próxima. Uma vez dentro da decrepita construção de alvenaria, eu teria de contar com uma perseguição, mas esperava descer e escapar por uma das passagens escancaradas ao longo do pátio sombreado até a Washington Street e me esgueirar para fora da cidade na direção sul.

A pancadaria na porta de ligação do norte era então terrível e notei que as folhas da porta estavam começando a lascar. Era evidente que os sitiantes haviam trazido algum objeto pesado para fazer de aríete. A cama resistiu, porém, o que me deu ao menos uma chance remota de sucesso na fuga. Enquanto abria a janela, notei que ela era flanqueada por pesados reposteiros de veludo suspensos de uma vara por argolas de latão e também que havia um prendedor para os postigos no exterior. Vendo ali um meio de evitar um salto perigoso, dei um puxão nas cortinas e as trouxe para baixo com vara e tudo, e depois enganchei duas argolas no prendedor da

janela e soltei a cortina para fora. As pesadas dobras caíram em cheio no telhado saliente e notei que as argolas e o prendedor provavelmente suportariam o meu peso. Assim, subindo no parapeito da janela e usando a improvisada escada de corda, deixei para trás, para sempre, o tecido mórbido e infectado de horror da Gilman House.

Pousei com segurança nas telhas de ardósia soltas do íngreme telhado e consegui alcançar a escura clarabóia escancarada sem um escorregão. Olhando para cima, para a janela de onde eu saíra, observei que ela ainda estava às escuras, embora pudesse observar, ao longe, ao norte, para além das chaminés em ruínas, as luzes brilhando ameaçadoras na Casa da Ordem de Dagon, na igreja batista e na igreja congregacional, cuja mera lembrança me dava calafrios. Não parecia haver ninguém no pátio abaixo e contava com uma chance de fugir antes de o alarme geral espalhar-se. Dirigindo o facho da lanterna para a clarabóia, vi que não havia degraus para descer. Mas a altura era baixa e, segurando-me na borda, deixei-me cair sobre um assoalho empoeirado forrado de caixas e barris esfacelados.

O lugar era aterrador, mas eu abstraí dessas impressões e rumei de imediato para a escada que a lanterna me revelou — não sem antes consultar apressado o relógio que indicava duas da manhã. Os degraus estalavam, mas pareciam sólidos, e eu me precipitei para baixo cruzando um segundo andar com jeito de celeiro até chegar ao térreo. O abandono era total e apenas ecos respondiam ao som de meus passos. Cheguei enfim ao vestíbulo térreo com um retângulo fracamente iluminado em uma ponta indicando a ruínosa

passagem para a Paine Street. Caminhando na direção oposta, encontrei uma porta dos fundos que também estava aberta e saí em disparada pelos cinco degraus de pedra até o calçamento de pedras arredondadas intercalado de mato do pátio.

O luar não chegava até ali, mas consegui orientar-me com a ajuda da lanterna. Uma luz fraca saía de algumas janelas do lado da Gilman House e pensei ter ouvido sons confusos saindo lá de dentro. Caminhei em silêncio para o lado da Washington Street e, notando a existência de várias passagens abertas, escolhi a mais próxima para sair. O interior da passagem estava escuro e, quando atingi a outra ponta, notei que a porta para a rua estava solidamente calçada por cunhas. Decidido a tentar outro prédio, voltei às apalpadelas para o pátio, mas parei pouco antes da abertura.

Por uma porta aberta na Gilman House, escoava para fora uma grande multidão de vultos suspeitos — lanternas balouçavam na escuridão e horríveis vozes grasnadas emitiam gritinhos em alguma língua que com certeza não era o inglês. Os vultos movimentavam-se de maneira atabalhoada e pude perceber, para meu alívio, que não sabiam para onde eu havia ido, mas, mesmo assim, um arrepio de horror me traspassou.

Não dava para distinguir as suas feições, mas seu jeito bamboleado e curvo de andar causava uma extrema repulsa. O pior foi quando notei um vulto usando um estranho manto e a inconfundível tiara daquele modelo que já me era por demais familiar. Enquanto os vultos iam-se espalhando pelo pátio, meus temores foram aumentando. E se eu não conseguisse encontrar uma saída daquele prédio para a rua? O fedor de peixe era

abominável e achei que talvez não conseguisse suportá-lo muito tempo sem desmaiar. Tateando de novo na direção da rua, abri uma porta do vestíbulo e entrei em um quarto vazio com janelas bem fechadas, mas sem caixilhos. Correndo a luz da lanterna, percebi que poderia abrir os postigos e, um segundo depois, eu saltava para fora e fechava a passagem com cuidado para ficar como antes.

Eu estava na Washington Street, então, e por alguns instantes não avistei viva alma nem qualquer sinal de luz, salvo a Lua. Vindas de direções distintas e longínquas, porém, eu podia ouvir o som de vozes roucas, passos e um tipo curioso de chapinhar que não soava muito como passadas. Não tinha tempo a perder. Os pontos cardeais estavam claros para mim e me agradou que as luzes da iluminação pública estivessem apagadas, como de hábito nas zonas rurais pobres em noites enluaradas. Alguns sons vinham do sul, mas mantive a decisão de fugir naquela direção. Como eu bem imaginava, teria de haver muitos pórticos desertos que me poderiam proteger caso eu topasse com alguma pessoa ou grupo com ar perseguidor.

Avancei com rapidez, mas em silêncio, rente às casas arruinadas. Apesar de estar desganhado e sem chapéu ao fim da esgotante subida, eu não tinha uma aparência que chamasse a atenção e tinha boas chances de passar despercebido se cruzasse com algum transeunte casual. Na Bates Street, enfiei-me em um portal escancarado enquanto dois vultos cambaleantes cruzavam à minha frente, mas logo retomei o caminho e me aproximei do espaço aberto onde a Eliot Street atravessa enviesada a Washington no cruzamento com a

South. Conquanto ainda não tivesse visto aquele espaço, ele me parecera perigoso no mapa do rapaz da venda, pois ali a luz do luar podia-se espalhar sem obstáculos. Não valia à pena tentar evita-lo; qualquer percurso alternativo envolveria a possibilidade de desvios com desastrosa visibilidade e um efeito retardador. A única coisa a fazer era cruza-lo com ousadia e às claras, imitando o melhor que pudesse o andar bamboleante típico da gente de Innsmouth e confiando em que ninguém — ou, ao menos, nenhum de meus perseguidores — estivesse por perto.

Eu não podia ter a menor idéia do grau de organização da perseguição — e, na verdade, quais seriam seus propósitos. Parecia haver uma atividade inusitada na cidade, mas imaginei que a notícia de minha fuga do Gilman ainda não se havia espalhado. Eu logo teria de sair da Washington para alguma outra rua que fosse para o sul, pois aquele grupo do hotel sem dúvida estaria na minha cola. Eu devia ter deixado pegadas na poeira daquele último prédio velho, revelando como havia chegado à rua.

O espaço aberto estava intensamente iluminado pelo luar, como eu previra, e eu pude avistar os restos de um gramado cercado por uma grande de ferro, como se fosse um parque, no centro. Por sorte não havia ninguém por ali, mas um estranho zumbido ou rugido parecia crescer na direção da Town Square. A South Street era muito larga, seguindo reta, em um declive suave, até o cais e dominando uma ampla visão do mar. Minha esperança era que ninguém a estivesse observando de longe enquanto eu a cruzava sob o luar brilhante.

Avancei sem ser perturbado e não ouvi nenhum

ruído indicando algum espião. Olhando ao redor, desacelerei involuntariamente o passo para dar uma espiada no mar que ardia deslumbrante sob o luar no fim da rua. Muito além, do quebra-mar emergia a linha escura e sinistra do Devil Reef e, ao vislumbra-lo, não pude deixar de pensar em todas aquelas lendas odiosas que ouvira nas últimas trinta e quatro horas – lendas que retratavam aquele recife escabroso como um verdadeiro portal para reinos de um horror insondável e uma aberração inconcebível.

Então, sem nenhum aviso, enxerguei os clarões intermitentes de luz no recife distante. Eram definidos e inconfundíveis, despertando em minha consciência um horror cego e irracional. Meus músculos entesaram-se prontos para uma fuga alucinada, que só foi contida por certa cautela inconsciente e uma fascinação quase hipnótica. Para piorar, uma seqüência de clarões espaçados análogos, mas diferentes, que não podiam deixar de ser sinais de resposta, brilharam então na alta cúpula da Gilman House, que se erguia às minhas costas para o nordeste.

Controlando os músculos e percebendo mais uma vez o tanto que eu estava exposto, retomei com maior vigor minha simulação de andar bamboleante, sem tirar os olhos daquele recife diabólico e aziago enquanto a abertura da South Street me permitiu a visão do mar. O que aquele procedimento todo significava eu não podia imaginar; talvez se tratasse de algum estanho rito associado ao Devil Reef, ou talvez algum grupo houvesse desembarcado de um navio naquele rochedo sinistro. Dobrei então para a esquerda depois de contornar o gramado esquálido, ainda de olho no oceano que

cintilava sob o luar espectral de verão e observando os misteriosos clarões daqueles inomináveis, inexplicáveis sinais.

Foi então que a impressão mais terrível de abalo abateu-se sobre mim — o abalo que destruiu meus derradeiros vestígios de autocontrole e me fez sair disparado em alucinada carreira para o sul, deixando para trás os escuros pórticos escancarados e as janelas arregaladas daquela rua deserta de pesadelo. Isto porque, em um olhar mais atento, eu havia observado que as águas enluaradas entre o recife e a praia não estavam nem de longe vazias. Elas estavam vivas, fervilhando com uma horda de vultos que nadavam na direção da cidade, e, mesmo da enorme distância em que eu estava e com a curta duração de meu olhar, eu poderia dizer que as cabeças protuberantes e os membros que açoitavam a água eram de tal modo inumanos e aberrantes, que a duras penas poderiam ser descritos ou conscientemente formulados.

Minha corrida frenética cessou antes de eu ter percorrido um quarteirão, pois comecei a ouvir, à minha esquerda, algo como o alarido de uma perseguição organizada. Ouviam-se passos e sons guturais, e um motor falhando resfolegou para o sul pela Federal Street. Em um instante tive que mudar todos os meus planos, pois, se o caminho para o sul à minha frente estava bloqueado, eu teria de encontrar outra saída de Innsmouth. Parei e me enfiei por uma porta aberta, refletindo na sorte que tivera de sair do espaço aberto e enluarado antes daqueles perseguidores passarem pela rua paralela.

Uma segunda reflexão foi menos alentadora.

Como a perseguição estava sendo feita em outra rua, era evidente que o grupo não estava seguindo-me diretamente. Ele não me havia visto e estava apenas obedecendo um plano geral de barrar a minha fuga. Contudo, isto significava que todas os caminhos que levavam para fora de Innsmouth estariam também patrulhados, já que eles não poderiam saber o que eu pretendia tomar. Sendo assim, eu teria que fazer minha escapada pelo campo, longe de qualquer estrada. Mas como poderia fazê-lo naquela natureza pantanosa e acidentada de toda a região circundante? Por um instante, minha razão vacilou, tanto por absoluto desespero quanto pela rápida concentração daquela catanga onipresente de peixe.

Foi então que me lembrei da ferrovia abandonada para Rowley, cuja sólida base de terra coberta de mato e cascalho ainda se estendia para noroeste saindo da estação em ruínas na beira da garganta do rio. Havia uma possibilidade de os moradores da cidade não terem pensado nela, pois, com o seu abandono, ela ficara inteiramente coberta de arbustos espinhosos e quase intransitável, o caminho menos provável que algum fugitivo escolheria. Eu a vira com nitidez da minha janela no hotel e sabia onde ela estava. A maior parte de seu percurso inicial era visível da estrada para Rowley e dos pontos altos da própria cidade, mas talvez fosse possível alguém se arrastar sem ser visto por entre os arbustos. De qualquer sorte, esta seria minha única chance de fuga e só me restava tentar.

Enfiado no interior do vestíbulo de meu abrigo abandonado, consultei uma vez mais o mapa do rapaz da venda com a ajuda da lanterna. O problema imediato era

como alcançar a antiga ferrovia, e eu percebi então que o caminho mais seguro era seguir reto pela Babson Street, depois para oeste pela Lafayette — lá contornando, sem cruzar, um espaço aberto semelhante ao que eu havia atravessado —, e em seguida voltando para o norte e para oeste em uma linha em ziguezague pela Lafayette, Bates, Adams e Bank Streets — essa última margeando a garganta do rio — até a estação deserta e dilapidada que eu vira da minha janela. Minha razão para seguir pela Babson era que eu não queria cruzar de novo o espaço aberto nem iniciar meu percurso para oeste por uma rua transversal larga como a South.

Pondo-me mais uma vez em movimento, cruzei a rua para o lado direito a fim de dobrar a esquina para a Babson sem ser visto. A algazarra na Federal Street persistia e, quando olhei para trás, pensei ter visto um brilho de luz perto do edifício de onde havia escapado. Ansioso para sair da Washington Street, apressei o passo, sem fazer barulho, confiando na sorte de que nenhum olhar vigilante me veria. Perto da esquina da Babson Street, observei, para grande susto, que uma das casas continuava habitada como atestavam as cortinas da janela, mas as luzes no interior estavam apagadas, e eu cruzei por ela sem problemas.

Na Babson Street, que era transversal à Federal Street e podia revelar-me aos perseguidores, coleí-me o mais rente que pude às construções periclitantes e desparelhas, parando, por duas vezes, em algum portal quando os ruídos às minhas costas pareceram crescer momentaneamente. O espaço aberto à frente brilhava amplo e desolado sob o luar, mas meu percurso não me obrigaria a cruzá-lo. Durante minha segunda parada,

comecei a captar uma nova distribuição de sons vagos e, depois de espiar para fora com cuidado do esconderijo, vi um automóvel disparando pelo espaço aberto na direção da Eliot Street, que cruza com as duas, a Babson e a Lafayette.

Enquanto olhava — sufocado por um súbito aumento da catanga de peixe depois de um curto período de diminuição, vi um bando de vultos curvos e desajeitados caminhando apressado e cambaleante na mesma direção e conclui que devia ser o grupo que estava de guarda na estrada para Ipswich, já que aquela estrada era uma continuação da Eliot Street. Dois vultos do grupo que vislumbrei trajavam mantos volumosos e um deles usava um diadema afunilado que cintilava palidamente ao luar. O modo de andar dessa figura era tão estranho, que me provocou calafrios, pois me deu a impressão que a criatura estava quase saltitando.

Quando o último componente do bando sumiu de vista, retomei meu caminho, dobrando a esquina em disparada para a Lafayette Street e cruzando a Eliot à toda pressa para o caso de algum desgarrado do grupo ainda estar seguindo por aquela rua. Escutei tropéis e grasnidos distantes para o lado da Town Square, mas completei a passagem sem problemas. Meu maior pavor era que teria de cruzar de novo a larga e enluarada South Street — com sua vista para o mar — e tive de juntar coragem para enfrentar mais essa provação. Alguém poderia estar olhando e os desgarrados na Eliot Street não poderiam deixar de me vislumbrar de nenhum dos dois pontos. No último momento, decidi que o melhor a fazer era desacelerar o passo e fazer o cruzamento como antes, com o modo de andar cambaleante de um nativo

médio de Innsmouth.

Quando a visão da água descortinou-se de novo — desta vez à minha direita —, eu estava quase decidido a não olhar para ela em hipótese nenhuma. Contudo, não consegui resistir e lancei um olhar de soslaio enquanto cambaleava, em minha cuidadosa imitação de andar, para as sombras protetoras à frente. Não havia nenhum navio à vista, como eu suspeitava que haveria, mas a primeira coisa que meus olhos captaram foi um pequeno barco a remo avançando na direção do cais abandonado, carregando um objeto volumoso coberto por encerado. Seus remadores, embora os visse de longe e sem nitidez, me pareceram muitíssimo repulsivos. Pude distinguir ainda vários nadadores e ver, sobre o recife escuro distante, um clarão fraco persistente distinto do facho intermitente de antes, cuja tonalidade bizarra não poderia precisar. Por sobre os telhados oblíquos à frente e à direita, erguia-se a alta cúpula da Gilman House inteiramente às escuras. O cheiro de peixe que uma brisa piedosa havia dispersado por um momento recrudescera de novo com furiosa intensidade.

Mal havia cruzado a rua, escutei um bando avançar murmurando pela Washington vindo do norte. Quando ele atingiu o amplo espaço aberto de onde eu tivera meu primeiro vislumbre inquietador da água enluarada, tive a oportunidade de avista-lo com nitidez a um quarteirão de distância apenas, e horrorizou-me a anomalia bestial de suas feições e o aspecto canino e sub-humano de seu andar encurvado. Um homem avançava de maneira quase simiesca, com os braços compridos roçando muitas vezes o chão, enquanto outro vulto — de manto e tiara — parecia locomover-se saltitando.

Imaginei que aquele grupo fosse o que eu havia visto no pátio do Gilman — aquele, portanto, que estava mais perto em minha cola. Quando alguns vultos viraram-se para olhar em minha direção, o terror quase me paralisou, mas consegui manter o passo cambaleante e casual que havia adotado. Até hoje não sei se me viram ou não. Se viram, meu truque os convenceu, porque cruzaram o espaço enluzado sem desviar do seu caminho, grasnando e tagarelado em algum repulsivo patoá gutural que não consegui decifrar.

De novo na sombra, retomei o mesmo passo acelerado de antes, passando pelas casas decrepitas e inclinadas fitando cegamente a noite. Tendo cruzado para a calçada do lado oeste, dobrei a esquina seguinte para a Bates Street, onde me mantive rente às construções do lado sul. Cruzei duas casas com sinais de habitação, uma delas com luzes fracas nos quartos superiores, mas não encontrei obstáculos. Julguei que estaria mais seguro ao dobrar a esquina para a Adams, mas recebi um choque quando um homem saiu cambaleando de uma varanda às escuras bem na minha frente. Por sorte, ele provou estar bêbado demais para representar alguma ameaça, e eu consegui alcançar em segurança as ruínas tenebrosas dos armazéns da Bank Street.

Não havia ninguém se mexendo naquela rua morta do lado da garganta do rio, e o rugido da catarata quase afogava o som dos meus passos. Foi uma longa corrida até a estação em ruínas, e as paredes dos grandes armazéns de tijolo que me cercavam eram mais assustadoras que as fachadas das casas particulares. Avistei enfim a antiga estação com arcadas — ou o que havia restado dela — e me dirigi sem perder um segundo

para os trilhos na extremidade oposta.

Os trilhos estavam enferrujados, mas, no geral, intatos, e não mais do que a metade dos dormentes estava podre. Caminhar ou correr sobre uma superfície daquelas era muito difícil, mas fiz o melhor que pude e, no geral, consegui fazê-lo em um bom tempo. Por alguma distância, os trilhos acompanhavam a margem da garganta, até que alcancei a ponte comprida e coberta onde eles cruzavam o abismo em uma altura estonteante. O estado da ponte determinaria meu próximo passo. Se fosse humanamente possível, eu a usaria; se não, teria de arriscar novas andanças pelas ruas da cidade até a ponte de estrada de rodagem mais próxima.

A enorme extensão da velha ponte com jeito de celeiro brilhava espectral ao luar e notei que os dormentes estavam firmes ao menos por alguns metros. Entrando por ela, acendi a lanterna e quase fui derrubado pela nuvem de morcegos que passou esvoaçando por mim. No meio da travessia, abria-se um perigoso espaço entre os dormentes, e, por um instante, temi que me impedisse de avançar, mas arrisquei um salto perigoso que, por sorte, foi bem sucedido.

Avistar novamente o luar quando emergi daquele túnel macabro foi uma grata satisfação. Os velhos trilhos cruzavam a River Street em desnível e logo depois dobravam para uma região cada vez mais rural onde o abominável fedor de peixe de Innsmouth ia-se desfazendo. Ali, as moitas densas de mato espinhoso atrapalhavam a passagem rasgando cruelmente as minhas roupas, mas me alegrou ainda assim saber que elas poderiam ocultar-me em caso de perigo. Eu sabia que boa parte de meu percurso seria visível da estrada

para Rowley.

A região pantanosa começava logo em seguida, com os trilhos correndo sobre um aterro baixo coberto por um mato um pouco mais ralo. Depois vinha uma espécie de ilha de terreno mais alto, onde a linha cruzava um corte aberto e raso atravancado de arbustos e espinheiros. Aquele abrigo parcial me alegrou bastante, já que naquele ponto a estrada de Rowley ficava a uma distância perigosamente próxima conforme a visão da minha janela. No final da abertura, ela cruzava a linha e afastava-se para uma distância segura, mas até lá eu teria de ser cauteloso ao extremo. A esta altura, eu estava certo de que a ferrovia não estava sendo patrulhada.

Pouco antes de entrar no trecho escavado, olhei para trás, mas não percebi nenhum seguidor. Os velhos telhados e cúpulas da decaída Innsmouth brilhavam adoráveis e etéreos ao mágico luar amarelado, e imaginei como deviam ter sido nos velhos tempos antes das sombras descerem. Depois, correndo o olhar da cidade para o interior, algo menos tranquilizador chamou minha atenção e me paralisou por um segundo.

O que eu vi — ou imaginei ter visto — foi uma perturbadora sugestão de um distante movimento ondulatório ao sul, sugerindo uma horda muito grande saindo da cidade pela estrada plana para Ipswich. A distância era grande e eu não podia distinguir nada com detalhes, mas a aparência daquela coluna móvel me deixou muito inquieto. Ela ondulava demais e brilhava com extrema intensidade sob o clarão da Lua que descambava então para o oeste. Havia também uma sugestão de sons, mas o vento soprava na direção oposta — a sugestão de sons rascantes bestiais e vozerio ainda

pior que os murmúrios dos grupos que tinha flagrado antes.

Toda sorte de conjecturas desagradáveis passou por minha cabeça. Pensei naqueles tipos extremos de Innsmouth que, segundo se dizia, viviam apinhados naquelas pocilgas centenárias caindo em pedaços perto do cais. Pensei também naqueles nadadores obscuros que tinha visto. Contando os grupos avistados de longe e os que estariam vigiando as outras estradas, o número de meus perseguidores devia ser grande demais para uma cidade tão pouco habitada como Innsmouth.

De onde poderia vir a densa multidão da coluna que eu então avistava? Estariam aquelas velhas e insondáveis pocilgas apinhadas de moradores disformes, insuspeitos e ilegais? Ou teria algum navio invisível desembarcado uma legião de forasteiros estranhos naquele recife maldito? Quem eram eles? Por que estavam ali? E, se uma coluna deles estava percorrendo a estrada para Ipswich, teriam reforçado também as patrulhas nas outras estradas?

Eu tinha entrado na abertura de terreno coberta de mato e progredia com grande dificuldade quando aquele maldito fedor de peixe impôs-se uma vez mais. Teria o vento mudado de repente para leste, soprando agora do mar para a cidade? Conclui que devia ser isso quando comecei a ouvir murmúrios guturais assustadores vindo daquela direção até então silenciosa. Ouvi também um outro som – uma espécie de tropel colossal coletivo que, de alguma forma, invocava imagens das mais detestáveis. Aquilo me fez pensar illogicamente na repulsiva coluna ondulante na distante estrada para Ipswich.

Os sons e o fedor foram ficando tão fortes, que me fizeram parar, estremeçando, agradecido pela proteção que o corte do terreno me proporcionava. Era ali, lembrei, que a estrada para Rowley aproximava-se ao extremo da velha ferrovia antes de cruzá-la para oeste e afastar-se. Havia alguma coisa aproximando-se por aquela estrada, e eu teria que me abaixar até ela passar e desaparecer na distância. Graças aos céus, aquelas criaturas não usam cães para rastrear — mas isso talvez fosse impossível em meio ao fedor onipresente na região. Agachado entre os arbustos daquela fenda arenosa, eu me senti mais seguro, mesmo sabendo que os perseguidores teriam de cruzar a linha do trem à minha frente a não mais de noventa metros de distância. Eu poderia vê-los, mas eles não poderiam, não fosse por um milagre hediondo, me avistar.

De repente, eu comecei a ficar com medo de vê-los passar. Eu enxergava o espaço enluarado próximo por onde iriam emergir e fui acometido por idéias escabrosas sobre a impiedade irredimível daquele espaço. Talvez fossem os piores dentre todos as criaturas de Innsmouth — algo que ninguém gostaria de recordar.

O fedor tornou-se insuportável e os ruídos cresceram para uma babel bestial de grasnidos, balidos e latidos sem a mínima sugestão de fala humana. Seriam mesmo as vozes de meus perseguidores? Eles teriam cães afinal? Até aquele momento, eu não tinha visto nenhum desses animais inferiores em Innsmouth. Era monstruoso aquele tropel — eu não poderia olhar para as criaturas degeneradas que o causavam. Manteria os olhos fechados até o som diminuir para as bandas do oeste. A horda estava muito próxima agora — o ar corrompido

por seus rosnados roucos e o chão quase vibrando com a cadência de seus passos animais. Quase perdi o fôlego e tive de colocar cada partícula de minha força de vontade para manter os olhos fechados.

Mesmo agora eu reluto em dizer se o que se passou foi um fato repugnante ou uma alucinação de pesadelo. A ação posterior do governo, depois de meus frenéticos apelos, tenderia a confirmar que tudo havia sido uma monstruosa verdade, mas não poderia uma alucinação ter-se repetido sob o feitiço quase hipnótico daquela ancestral, assombrada e aziaga urbe? Lugares assim têm propriedades estranhas e o legado de lendas insanas poderia perfeitamente ter agido sobre mais de uma imaginação humana em meio àquelas fétidas ruas mortas e a montoeira de telhados podres e cúpulas em ruínas. Não estaria o germe de uma efetiva e contagiosa loucura à espreita das profundezas daquela sombra que paira sobre Innsmouth? Quem poderá estar certo da realidade depois de ouvir coisas como o relato do velho Zadok Allen? As autoridades jamais encontraram o pobre Zadok e não têm idéia do que lhe aconteceu. Onde termina a loucura e começa a realidade? Será possível que até este meu recente pavor seja pura ilusão?

Mas devo tentar dizer o que penso ter visto naquela noite sob a zombeteira Lua amarela — visto emergindo e saltitando pela estrada de Rowley à minha frente enquanto eu estava agachado entre os arbustos silvestres daquele ermo escavado da ferrovia. Evidentemente, minha resolução de manter os olhos fechados fracassou. Ela estava condenada ao fracasso; quem poderia ficar agachado, às cegas, enquanto uma legião de criaturas de origem desconhecida grasnando e

uivando passavam repugnantes a menos de cem metros de distância?

Eu pensava estar preparado para o pior, e de fato deveria estar considerando tudo que havia visto antes. Meus outros perseguidores haviam sido aberrações malditas; por que não estaria pronto a encarar um fortalecimento da anormalidade, olhar formas onde não houvesse a menor parcela de normalidade? Não abri os olhos até que o alarido gutural ficou tão forte em um ponto, que com certeza estava diretamente à minha frente. Eu sabia então que uma boa parte deles devia estar visível ali onde as encostas da escavação diminuam e a estrada cruzava com a ferrovia, e não pude mais me conter de espiar o horror que a furtiva Lua amarela teria a revelar.

Foi o fim de tudo que me tenha sobrado de vida sobre a face desta Terra, de todo vestígio de tranqüilidade mental e confiança na integridade da natureza e da mente humana. Nada do que eu poderia ter imaginado — nada, mesmo, que eu poderia ter concluído se houvesse acreditado na história maluca do velho Zadok da maneira mais literal — seria comparável, de alguma maneira, à realidade ímpia, demoníaca que eu vi — ou penso ter visto. Tentei sugerir o que foi para adiar o horror de descreve-lo cruamente. Como seria possível este planeta ter gerado de fato essas coisas, os olhos humanos terem visto, como matéria concreta, o que o homem até então só conhecia de fantasias febris e lendas vagas?

Mas eu os vi em um fluxo interminável — chapinhando, saltitando, grasnando, balindo — emergindo em suas formas bestiais sob o luar espectral

em uma sarabanda grotesca e maligna de fantasmagórico pesadelo. E alguns deles usavam altas tiaras daquele inominável metal dourado pálido... e alguns trajavam mantos esquisitos... e um deles, o que liderava o grupo, vestia uma capa preta com uma corcova horripilante calças listradas e exibia um chapéu de feltro empoleirado na coisa informe que lhe fazia as vezes de cabeça.

Creio que a cor predominante entre eles era um verde acinzentado, mas tinham os ventres brancos. A maior parte era lisa e luzidia, mas as pregas de suas costas eram cobertas de escamas. Suas formas eram vagamente antropóides, ao passo que suas cabeças eram cabeças de peixe, com olhos enormes saltados que nunca piscavam. Dos lados dos pescoços, projetavam-se guelras vibrantes e suas patas compridas eram palmadas. Andavam saltitando, sem cadência, sobre duas pernas às vezes, sobre quatro outras. Fiquei aliviado, de certa forma, por terem no máximo quatro membros. Suas vozes grasnadas, estridentes, usadas com toda evidência para um discurso articulado, exibiam todos os tons sombrios de expressão que faltavam em suas feições.

Com toda a sua monstruosidade, porém, eles não me pareceram desconhecidos. Sabia perfeitamente o que deviam ser — pois não tinha fresca a lembrança da tiara maligna de Newsburyport? Eram os ímpios peixes-rãs do abominável desenho — vivos e horripilantes — e, enquanto eu os observava, pude perceber também do que aquele sacerdote corcunda, de tiara, no porão escuro da igreja, me fizera lembrar apavorado. Sua quantidade ia além das conjecturas. Pareceu-me haver uma multidão interminável deles — e minha olhadela instantânea por certo só teria revelado uma fração mínima. Alguns

instante depois, tudo se apagou em um piedoso desmaio, o primeiro de minha vida.

V

Uma suave chuva diurna tirou-me daquele estupor na escavação da ferrovia coberta de mato e, quando eu cambaleei até a estrada à minha frente, não vi qualquer marca de pegadas na lama fresca. O fedor de peixe também havia desaparecido, os telhados em ruínas e as altas cúpulas de Innsmouth emergiam cinzentos no sudoeste, mas não consegui avistar nenhuma criatura viva em todo aquele pântano ermo e salgado que me rodeava. Meu relógio ainda funcionava, informando que passava do meio-dia.

Minha mente não estava convencida da veracidade do que eu havia passado, mas senti que havia alguma coisa hedionda por trás daquilo tudo. Eu precisava sair daquela macabra Innsmouth, e para isso tratei de experimentar minha combalida e paralisada capacidade de locomoção. Apesar da fraqueza, fome, horror e espanto, achei-me em condições de caminhar alguns momentos depois e saí devagar pela estrada lamacenta para Rowley. Cheguei, antes do anoitecer, no vilarejo onde consegui uma refeição e roupas apresentáveis. Tomei o trem noturno para Arkham e, no dia seguinte, tive uma conversa demorada e franca com as autoridades locais, procedimento que repeti, mais adiante, em Boston. O público já está familiarizado com o resultado principal dessas conversas — e eu gostaria, para o bem da normalidade, que não houvesse mais nada para contar. Talvez seja loucura o que me está possuindo,

mas, talvez, um horror maior – ou um prodígio maior – esteja manifestando-se.

Como bem se pode imaginar, desisti da maioria dos meus planos de viagem anteriores – as diversões paisagísticas, arquitetônicas e antiquadas com que antes me animavam tanto. Também não ousei procurar aquela peça de joalheria estranha que diziam que estava no Museu da Universidade de Miskatonic. Aproveitei, porém, minha estada em Arkham para coletar anotações arqueológicas que desde há muito desejava possuir, dados apressados e muito toscos, é verdade, mas passíveis de um bom aproveitamento mais tarde quando eu tivesse tempo para organiza-los e classifica-los. O curador da sociedade histórica local – o sr. E. Lapham Peabody – teve a gentileza de me ajudar e manifestou um interesse invulgar quando lhe contei que era neto de Eliza Orne, de Arkham, que nascera em 1867 e se casara com James Williamson de Ohio aos dezessete anos.

Ao que parecia, um tio meu havia passado por lá, em pessoa, muitos anos antes, em uma busca parecida com a minha, e a família de minha avó era objeto de uma certa curiosidade local. O sr. Peabody me contou que tinha havido muito falatório sobre o casamento de seu pai, Benjamin Orne, pouco depois da guerra civil, pois os antecedentes da noiva eram muito misteriosos. Comentava-se que a noiva era uma órfã dos Marsh de New Hampshire – prima dos Marsh do Condado de Essex –, mas sua formação havia sido na França e ela conhecia muito pouco sobre a sua família. Um tutor havia depositado fundos em um banco de Boston para a sustentação dela e de sua governanta francesa, mas o nome do tutor não era familiar aos moradores de

Arkham, e, com o tempo, ele sumiu de vista e a governanta assumiu seu papel por indicação judicial. A francesa — desde há muito falecida, agora — era muito taciturna e havia quem dissesse que ela poderia ter contado mais do que contou.

O mais desconcertante, porém, foi a impossibilidade de alguém localizar os pais legais da moça — Enoch e Lydia (Meserve) Marsh — entre as famílias conhecidas de New Hampshire. Muitos sugeriam que ela era filha de algum Marsh ilustre — ela com certeza tinha os olhos dos Marsh. Boa parte do quebra-cabeças desfez-se depois de sua morte prematura, quando do nascimento de minha avó, sua única filha. Tendo formado algumas impressões desagradáveis associadas ao nome Marsh, não me caíram bem as notícias de que ele pertencia a minha própria árvore genealógica, nem me agradou a sugestão de Peabody de que eu também tinha os olhos dos Marsh. Agradei, contudo, pelos dados que sabia que me seriam valiosos e fiz copiosas anotações e listas de referências em livros referentes à bem documentada família Orne.

Fui diretamente de Boston a minha Toledo natal e mais tarde passei um mês em Maumee, recuperando-me das provações. Em setembro, voltei a Oberlin para meu último ano e dali, até junho, me ocupei nos estudos e outras atividades saudáveis — lembrando o terror passado apenas nas visitas ocasionais de autoridades relacionadas com campanha que meus apelos e evidências haviam desencadeado. Em meados de julho — um ano exato depois da experiência de Innsmouth —, passei uma semana com a família de minha falecida mãe em Cleveland, checando alguns de meus novos dados

genealógicos com as diversas notas, tradições e peças de herança que haviam por lá e vendo que tipo de mapa de relações em poderia construir.

Essa tarefa não me foi especialmente prazerosa, porque a atmosfera da casa dos Williamson sempre me deprimira. Havia ali um ranço de morbidez e minha mãe nunca me encorajara a visitar seus pais quando eu era criança, embora sempre recebesse bem o pai quando ele vinha a Toledo. Minha avó de Arkham me parecia muito estranha e quase aterrorizante, e não creio que tenha lamentado a sua partida. Eu tinha oito anos, então, e dizia-se que ela vivia delirando de tristeza depois do suicídio do meu tio Douglas, seu primogênito. Ele havia-se matado depois de uma viagem à Nova Inglaterra — a mesma viagem, sem dúvida, que fizera com que fosse lembrado na Sociedade Histórica de Arkham.

Esse tio parecia-se com ela e também nunca me agradara. Alguma coisa na maneira de olhar fixadamrnte, sem piscar, dos dois provocava em mim uma inquietação vaga e indescritível. Minha mãe e o tio Walter não tinham aquela expressão. Eles eram parecidos com seu pai, mesmo que o pobre primo Lawrence — filho de Walter — fosse quase uma duplicata perfeita da avó antes de seu estado mental leva-lo à reclusão permanente em um asilo em Canton. Eu não o via há quatro anos, mas meu tio sugeriu, certa vez, que seu estado, tanto físico quanto mental, era péssimo. Esse tormento talvez tivesse sido o principal motivo para a morte de sua mãe dois anos atrás.

Meu avô e seu filho viúvo, Walter, constituíam agora toda a família de Cleveland, mas a lembrança dos velhos tempos pairava pesadamente sobre eles. O lugar

ainda me perturbava e tentei fazer minhas investigações o mais depressa possível. Os registros e tradições dos Williamson me foram fornecidos em abundância por meu avô, embora, para o material sobre os Orne, eu tivesse de contar com o tio Walter, que colocou à minha disposição todos os seus arquivos, inclusive anotações, cartas, recortes, lembranças, fotos e miniaturas.

Foi examinando as cartas e fotos do lado Orne que comecei a adquirir um certo terror de meus próprios ancestrais. Como já disse, minha avó e meu tio Douglas sempre me inquietaram. Agora, anos depois de seu desaparecimento, eu olhava seus rostos retratados com um sentimento de repulsa e estranheza muito maior. De início, não consegui compreender a mudança, mas, aos poucos, uma terrível comparação começou a se infiltrar por meu subconsciente apesar da firme recusa de minha consciência a admitir a menor suspeita daquilo. Era evidente que a expressão típica daqueles rostos sugeria agora algo que não havia sugerido antes, algo que provocaria um pânico absoluto se fosse pensado com liberdade.

Mas o pior choque veio quando meu tio me mostrou as jóias dos Orne que estavam guardadas em uma caixa-forte no centro da cidade. Algumas peças eram delicadas e inspiradoras, mas havia uma caixa com velhas peças exóticas que meu tio relutou em me mostrar. Tinham, segundo me disse, um desenho muito grotesco e quase repulsivo e, ao que ele sabia, jamais haviam sido usadas em público, embora minha avó gostasse de admirá-las. Lendas vagas de má sorte as cercavam e a governanta francesa de minha bisavó havia dito que não deviam ser usadas na Nova Inglaterra,

embora fosse seguro usa-las na Europa.

Quando meu tio começou a desembulhar lentamente, e aos resmungos, as coisas, ele me recomendou que não ficasse chocado com a estranheza e freqüente repulsa que os desenhos causavam. Artistas e arqueólogos que os viram declararam que seu feitio era de notável e exótico requinte, embora nenhum deles tivesse sido capaz de definir com precisão o material de que eram feitos ou atribuí-los a alguma tradição artística específica. Havia ali dois braceletes, uma tiara e uma espécie de peitoral, este último com figuras em alto relevo de uma extravagância quase insuportável.

Controlei minhas emoções durante essa exposição, mas meu rosto deve ter traído os temores crescentes que me acometiam. Meu tio parecia concentrado e fez uma pausa em sua atividade para estudar meu rosto. Fiz um gesto para ele prosseguir, o que ele fez com renovados sinais de relutância. Ele parecia esperar alguma demonstração quando a primeira peça — a tiara — tornou-se visível, mas duvido que esperasse o que de fato aconteceu. Eu também não o esperava, achando que estava perfeitamente prevenido do que seriam as jóias. O que eu fiz foi desmaiar em silêncio como me acontecera naquela escavação ferroviária coberto de mato um ano antes.

Daquele dia em diante, minha vida tem sido um pesadelo de cismas e apreensões, sem saber o quanto é odiosa verdade e o quanto é loucura. Minha bisavó havia sido uma Marsh de origem desconhecida cujo marido vivera em Arkham; e Zadok não havia dito que a filha de Obed Marsh com uma mãe monstruosa havia-se casado com um homem de Arkham aproveitando-se de um

ardil? O que fora mesmo que o velho beberrão havia murmurado sobre os meus olhos parecerem-se com os do capitão Obed? Em Arkham, também, o curador me havia dito que eu tinha os olhos dos Marsh. Seria Obed Marsh o meu próprio tataravô? Quem — ou o quê — então era minha tataravó? Mas isso tudo poderia ser loucura. Esses ornamentos de ouro esbranquiçado poderiam perfeitamente ter sido comprados de algum marinheiro de Innsmouth pelo pai de minha bisavó, fosse ele quem fosse. E aquele olhar fixo nos rostos de minha avó e meu tio suicida poderia ser uma pura fantasia de minha parte — pura fantasia instigada pelas sombras de Innsmouth que tanto haviam obscurecido minha imaginação. Mas por que meu tio havia-se matado depois de uma busca do passado na Nova Inglaterra?

Durante mais de dois anos, consegui repelir essas reflexões com relativo sucesso. Meu pai conseguiu-me um emprego em um escritório de seguros e eu me enterrei o melhor que pude na rotina. No inverno de 1930 para 1931, porém, vieram os sonhos. No início eles eram esparsos e insidiosos, mas, com o passar do tempo, foram aumentando de frequência e intensidade. Vastidões aquáticas abriam-se diante de mim, e eu parecia errar por titânicos pórticos e labirintos submersos de paredes ciclópicas cobertas de mato na companhia de peixes grotescos. Depois, as outras formas começaram a aparecer, enchendo-me de um horror inominável no momento em que eu acordava. Mas, durante os sonhos, elas não me horrorizam em absoluto — eu era uma delas, usando seus adornos inumanos, percorrendo seus caminhos aquáticos e orando de maneira torpe em seus templos ímpios no fundo do mar.

Havia muito mais do que eu poderia lembrar, mas mesmo o que eu me lembrava a cada manhã teria bastado para me classificar como um louco ou um gênio se eu ousasse algum dia escrever isso tudo. Alguma influência tenebrosa, eu sentia, estava tentando arrastar-me gradualmente para fora do mundo são de uma vida salutar para abismos inomináveis de alienação e trevas, e o processo me consumia. Minha saúde e aparência foram ficando cada vez piores até que fui forçado a desistir do emprego e adotar a vida reclusa e estática de um inválido. Alguma enfermidade nervosa estranha havia-se apossado de mim e tinha momentos em que quase não conseguia fechar os olhos.

Foi então que comecei a estudar o espelho com crescente apreensão. Não é agradável de se ver os lentos estragos da doença, mas em meu caso havia alguma coisa um pouco mais sutil e intrigante por trás. Meu pai parecia nota-lo, também, pois começou a me olhar de maneira curiosa e quase apavorada. O que se estava passando comigo? Estaria ficando parecido com minha avó e meu tio Douglas?

Certa noite, tive um sonho apavorante onde encontrei minha avó no fundo do mar. Ela morava em um palácio fosforescente com muitos terraços, jardins com estranhos corais leprosos e grotescas florescências braquiadas, e saudou-me com uma cordialidade que pode ter sido irônica. Ela havia mudado — como os que partem para a água mudam — e contou-me que não havia morrido. Havia, isso sim, ido a um local de que seu falecido filho fora informado e saltara para um reino cujas maravilhas — destinadas a ele também — ele havia rejeitado com uma pistola fumegante. Esse haveria de ser

meu reino também — eu não poderia escapar dele. Eu não morreria jamais e viveria entre os que existiam desde antes do homem andar sobre a Terra.

Encontrei também aquela que fora a sua avó. Por oitenta mil anos, Pth'thyaI'yi vivera em Y'hánthlei e para ali ela havia voltado depois da morte de Obed Marsh. Y'hánthlei não fora destruída quando os homens da terra superior atiraram a morte para dentro do mar. Ela fora ferida, mas não destruída. Os Profundos não poderiam ser destruídos jamais, ainda que a magia paleogênica dos esquecidos Antigos pudessem, às vezes, barra-los. Por enquanto, eles descansariam, mas algum dia, caso se lembrassem, erguer-se-iam de novo para o tributo que o Grande Cthulhu almejava. Seria uma cidade maior que Innsmouth da próxima vez. Eles haviam planejado disseminar-se e haviam criado aquilo que os ajudaria, mas por agora deviam esperar ainda uma vez. Por ter trazido a morte dos homens da terra superior, eu teria de fazer uma penitência, mas ela não seria muito pesada. Este foi o sonho em que eu vi um Shoggoth pela primeira vez, e a visão me fez despertar em um frenesi de gritos. Naquela manhã, o espelho me informou definitivamente que eu havia adquirido o jeito de Innsmouth.

Até agora, não me matei como meu tio Douglas. Comprei uma automática e quase dei o passo, mas certos sonhos me detiveram. Os tensos extremos de horror estão diminuindo e eu me sinto curiosamente atraído para as profundezas marítimas desconhecidas em vez de temelas. Ouço e faço coisas estranhas durante o sono e desperto com uma espécie de exaltação em vez de terror. Não creio que tenha de esperar pela transformação completa como a maioria. Se o fizer, é bem provável que

meu pai me interne em um asilo como aconteceu com meu pobre priminho. Esplendores fabulosos e inauditos me esperam abaixo, e eu logo os procurarei. IäR'lyeh! Cthulhu fhagn! Iä Iä! Não, eu não me matarei, não posso ser levado a me matar!

Vou tramar a fuga de meu primo daquele asilo de Canton e juntos nós iremos para a encantada Innsmouth. Nós nadaremos para aquele recife que se estende sobre o mar e mergulharemos para os abismos negros da ciclópica Y'hánthlei de muitas colunas. E, naquela morada dos Profundos, viveremos em meio a glórias e prodígios para todo sempre.